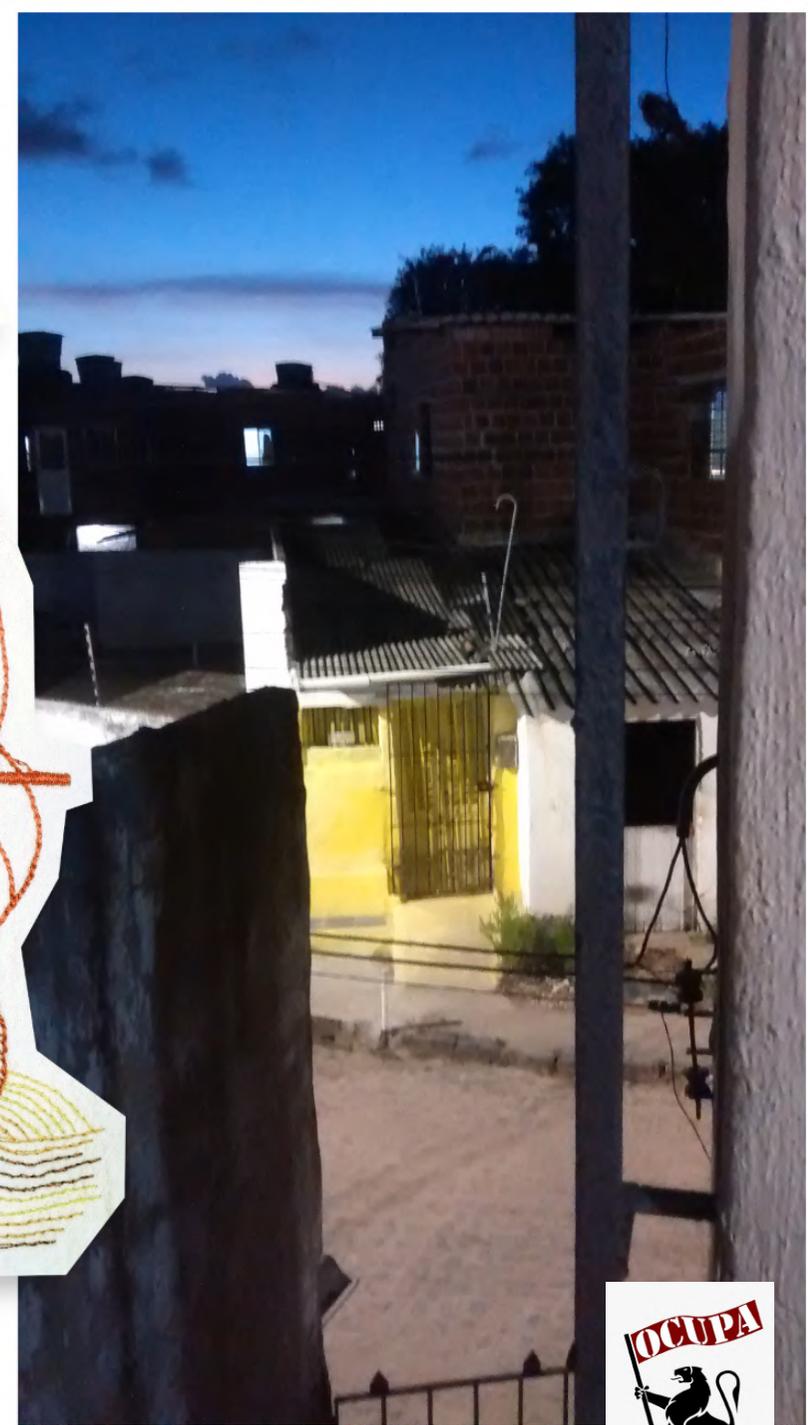


Bye **e**naw

errante



DESMATERIALIZANDO A ARTE-EDUCAÇÃO DEPOIS DO FIM DO MILÊNIO



JOÃO RICARDO CAMARGO DA SILVA

BYENAW ERRANTE:

Desmaterializando a arte-educação depois do fim do milênio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial de obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Renata Wilner

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, João Ricardo Camargo da.
Byenaw errante: desmaterializando a arte-educação depois do fim do milênio
/ João Ricardo Camargo da Silva. - Recife, 2023.
1 video (9 min) : il.

Orientador(a): Renata Wilner
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, , 2023.
Inclui referências, apêndices.

1. videoperformance. 2. capoeira. 3. assemblage. 4. precariedade. 5.
poética. I. Wilner, Renata. (Orientação). II. Título.

140 CDD (22.ed.)



**UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO**

**Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Artes
Licenciatura em Artes Visuais
Trabalho de Conclusão de Curso
João Ricardo C Silva**

Resumo

Este trabalho constitui-se como uma coletânea de símbolos, conceitos e fatos históricos relativos à arte-educação precarizada. Ele é formado por duas camadas interligadas.

Trata-se, na primeira camada, de uma videoperformance, nascida do contexto de insuficiência de recursos de subsistência durante todo meu curso de formação para licenciatura em artes visuais.

Ela apresenta uma peleja de Capoeira Angola dentro do ambiente doméstico, simbolizando a lida cotidiana solitária contra essa compelida residência acadêmica com baixa renda. É ambientada na minha casa, alugada na favela e mobiliada com uma série de objetos feitos por *assemblage*.

A outra camada é constituída por este livro de artista, que completa a videoperformance com dados objetivos, historiográficos, elementos gráficos e referências científicas do campo da pedagogia artística visual.

Reciclando matéria advinda do lixo e usando como "cola", tanto as necessidades e ideias promovidas pela UFPE, quanto a cadência e beleza subjetiva da Capoeira, apresento este trabalho como minha expressão de perseverança marginal nesta faculdade de Artes Visuais.

Assim, numa perspectiva relacional, concateno com precariedade o essencial para evitar a evasão e completar meu curso de formação profissional em meio à crise pandêmica e ápice da crise política brasileira de 2022.



Palavras-chave:

Arte-Educação,
Videoperformance,
Capoeira,
Assemblage,
Precariedade,
Poética,
Arteterapia...

Abstract

This work is constituted as a collection of symbols, concepts and historical facts related to art-education in a precarious context. It is composed by two interconnected layers.

It's first layer presents a video performance, born from a context of insufficient subsistence resources throughout my study course for a degree in visual arts.

It presents a squabble of *Capoeira Angola* within the domestic environment, symbolizing the lonely daily struggle against this compelled academic residence with low income. It is set in my house, rented in the *favela* and furnished with a series of objects made by *assemblage*.

The other layer comprehends this artist's book, which completes the video performance with objective and historiographical data, graphic elements and scientific references from the field of visual artistic pedagogy.

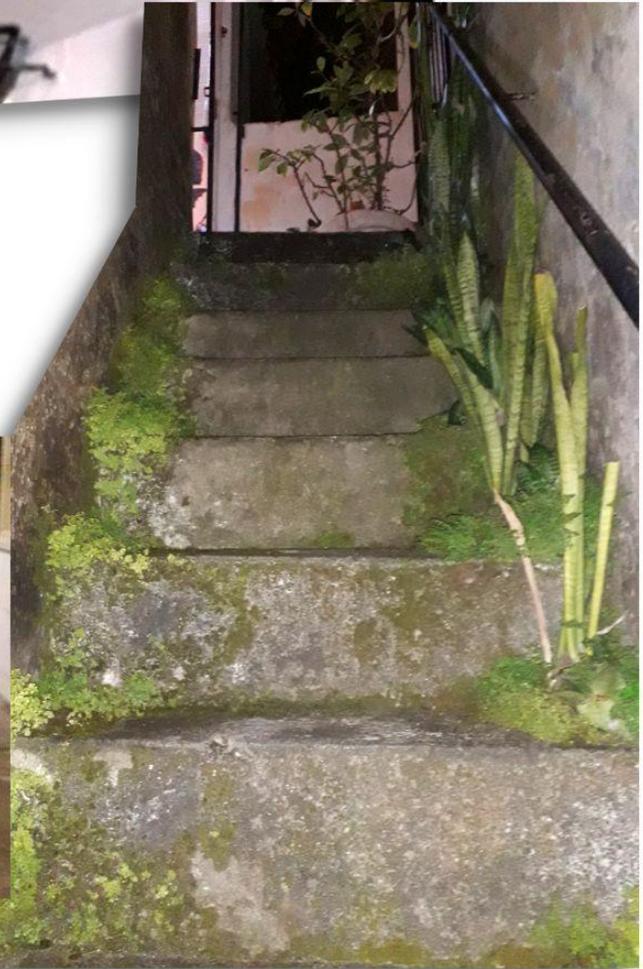
Recycling material from garbage and using as "glue", both the needs and ideas promoted by UFPE, as well as the cadence and subjective beauty of *Capoeira*, I present my form of marginal perseverance in this Faculty of Visual Arts.

Thus, from a relational perspective, I precariously concatenate the essential to avoid evasion and complete my professional study course in the midst of the pandemic crisis and the peak of the Brazilian political crisis of 2022.

Key words:

Art education,
Video performance,
Capoeira,
Assemblage,
Precariousness,
Poetics,
Art therapy...



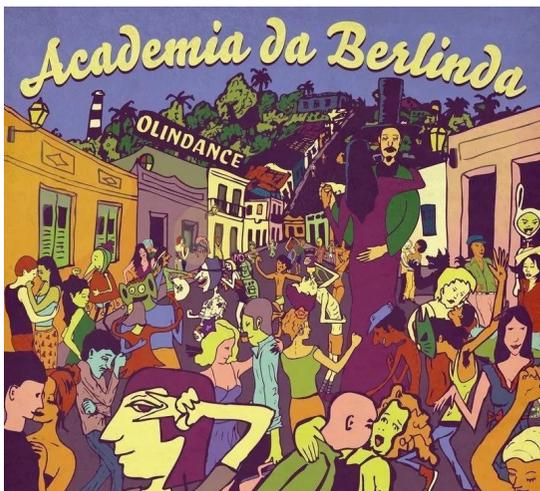


INTRODUÇÃO

O elemento central deste trabalho é a pobreza – que atua enquanto adversário da educação e, simultaneamente, como parâmetro compulsório de inovação.

Na minha poética, a pobreza e a capoeira são quase indissociáveis: ambas são oriundas de um contexto violentamente limitador e coercivo. Nesta analogia, as vivências dos processos educacionais para as pessoas pobres e as da capoeira são muito similares, principalmente no que diz respeito à iminência da evasão em função de perseguições políticas, à ausência de recursos, aos prazos reduzidos, à desnutrição, aos preconceitos sofridos, aos efeitos da pandemia e por aí vai. Todas pressões

agressivadas além do limiar entre um “jogo” e uma batalha de vida ou morte acadêmica – assim como a Capoeira do início da resistência à escravização ou extermínio.



Assim, na minha experiência de estudante de baixa renda, corresponder ao Currículo Formal no cronograma diretivo da Licenciatura em Artes Visuais é muito parecido com ter que me esquivar de um *Rabo de Arraia* num jogo de capoeira. Isso porque em ambos os casos se faz necessário ter “vocabulário” adaptável e reflexos ágeis o suficiente, para que haja dialética dentro das brechas de tempo disponíveis a mim, um aspirante à primeira graduação, frente às exigências eminentes, minuciosamente bem articuladas.

Este trabalho parte de um olhar que associa a UFPE a uma grande roda de Capoeira Contemporânea, que tem por “Mestres” os reitores, administradores, técnicos e docentes, que ao contrário do *Honorável Mestre Pastinha*, formalizador desta dança de resistência, ainda não conseguem abrir “espaço” nessa “roda” para acolher, na integralidade, o grande número de discentes advindos de alguma realidade de vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido,

eu exalto: nós, moradores das favelas ao redor da Cidade Universitária (CDU), somos os maiores credores dessa infraestrutura!



♪ *É Macaxeira, Imbiribeira,
Bom Pastor, é o Ibura, Ipseb, Torreão,
Casa Amarela;

Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio,
Santo Amaro, Madalena, Boa Vista,
Dois Irmãos;

É o Cais do Porto, é Caxangá, é Brasilit,
Beberibe, CDU,
Capibaribe, é o Centrão, eu falei!!*

♪ *Não aggressive não, não aggressive não.*

A casa em que a videoperformance foi produzida é a minha residência, alugada numa *favela* – que como na primeira localidade brasileira batizada com este nome é um lugar de reivindicação perene. Aqui os ângulos das paredes são fora de prumo, praticamente todas as mobílias foram descartadas pela vizinhança por estarem danificadas – eu as recolhi do lixo desta comunidade, que além deste tipo de *metralha* e esgoto sem tratamento, também produz muita poluição sonora.

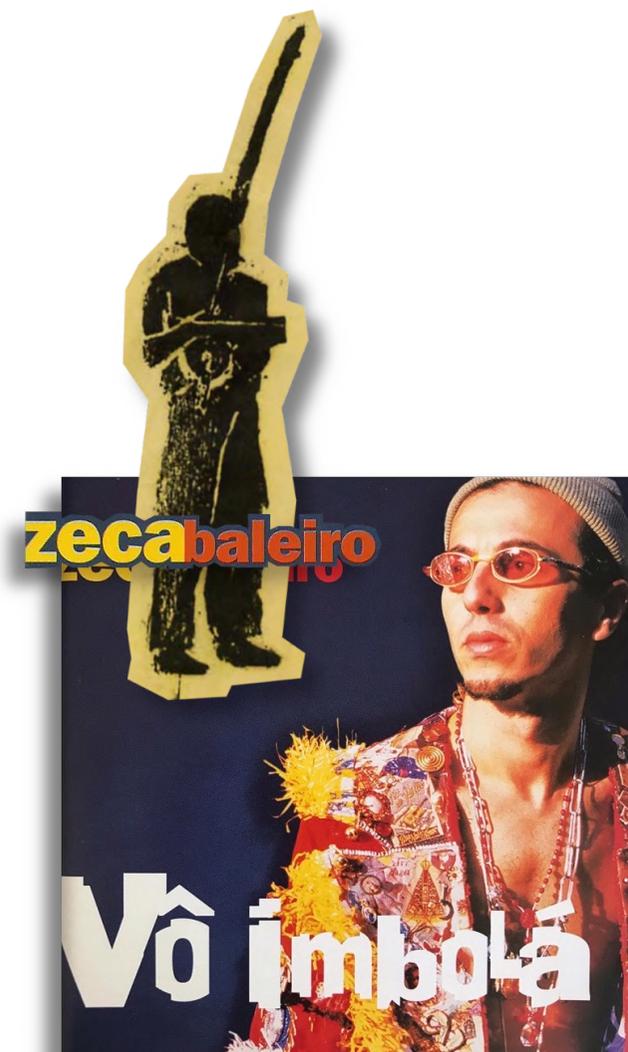


Desde o começo do curso mas principalmente agora no final, são grandes os obstáculos cotidianos à leitura de textos, à produção dos trabalhos, à articulação de suportes à distância e ainda, vivendo a insegurança alimentar, com problemas de saúde, e limitado pelo fato de que me valho de um *smartphone* com memória curta e mais de uma década de uso; assim como, e somente agora, nesta última chance para apresentação do meu TCC, um *notebook* que não escuta e nem fala, emprestado por um amigo. Com este mínimo ressignifico minha situação para então transpor o último obstáculo material que impede minha graduação.

Assim, troco os acordes dos violões pelos toques de berimbaus, para adaptar a música *Bienal* de Zeca Baleiro e Zé Ramalho. Reinvento-a como uma *ladainha* que evoca o imaginário das Artes Visuais no ritmo da capoeira para musicalizar minha peleja, dentro de casa, contra as tarefas do cotidiano ordinário, como pesquisador, artista e comunicador, neste lugar em que todas as partes são equilibradas por gambiarra e por um triz.

🎵 Pega a metralhadora e

trá, trá!!
trá,





Byenaw



Desmaterializando a obra de arte do fim do milênio.

Pra fazer o quadro só tem moléculas de hidrogênio,

Fios de cabelo de um nóia ingênuo,
Cuspe de mosca, pão dormido, asa de barata torta.



Meu conceito parece, à primeira vista,
Um barroco figurativo neo-expressionista,

Mais com pitadas de arte nouveau,
pós-surrealista,
Recalcado da revalorização da natureza morta.



Minha mãe certa vez disse-me um dia,
Vendo minha obra exposta na galeria:
"Meu filho, isso é mais estranho que o cu da jia
E muito mais feio que um hipopótamo insone"



Mas pra entender, mainha, um trabalho tão moderno,

É preciso ler, o segundo caderno,
Calcular o produto, bruto, interno,
Calcular multiplicando, pelo valor das contas, águaz e netefone,
Oh rodopiando na fúria do ciclone,
Vô reinventá o céu e o inferno



Inventá, o céu e o'que? E o inferno.



Mas é o'que? O inferno!



Minha mãe não entendeu o subtexto
Da arte desmaterialiada da no meu contexto

Pois reciclando o lixo lá do beco
A gente chega, num resultado, estético bacana



Com a graça de Deus, São Bento, Ogum e Basquiat

Nova York, me espere que eu vou já
E pixarei com dendê, dendê de vatapá
Uma psicodélica baiana



Misturarei anáguas de viúva
Com tampinhas de peps e fanta uva
Um penico com água da última chuva,
Ampolas de injeção mas não de cloroquina



Desmaterializando a matéria
Com a arte pulsando na artéria
Oi eu boto fogo no gelo da Sibéria
Faço até cair neve em Teresina
Com o clarão do raio da silibrina
Eu desintegro o poder da bactéria

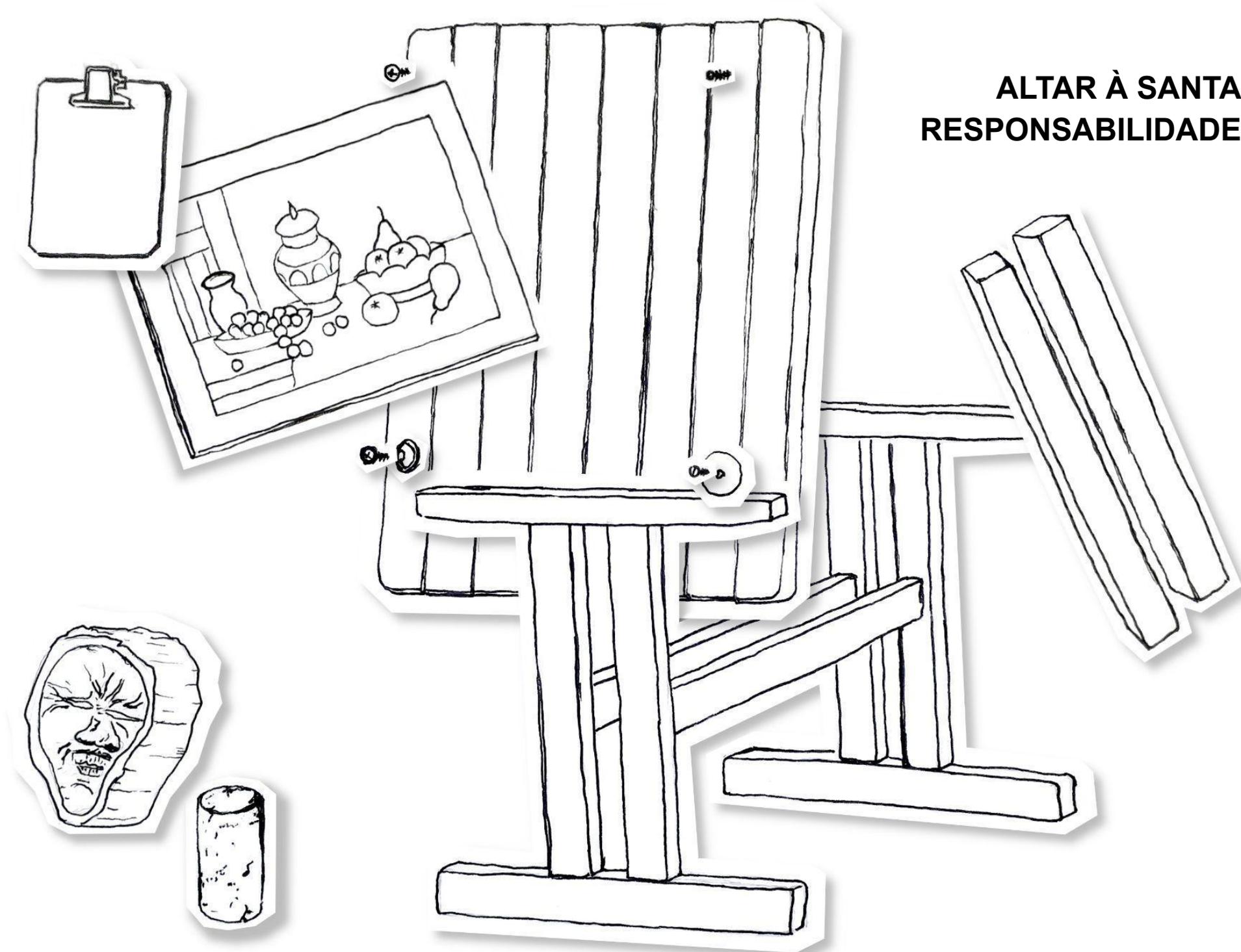


O cloro Raio da Silibrina, desintegra o vírus do poder "do narobactéria"



Desintegra "o bactéria"!

**ALTAR À SANTA
RESPONSABILIDADE**



Esta é minha narrativa autobiográfica sobre formação e superação. Ela começa pelo fim, quando eu finalmente completo a instalação do *site specific*, na encruzilhada da rua 6 de Março e da famosa rua das Laranjeiras, formalmente, rua Dr. Corrêa da Silva, na Várzea do Capibaribe.

A produção formal dessa narrativa, porém, começa mais perto ainda do fim. Só que tem muitas coisas que ainda estão incompletas. Os prazos foram encurtados e mesmo depois de eu receber ajuda pela milésima vez nestes tempos recentes, ainda preciso de instruções específicas. Com tudo isso, me coloco a realizar a mais difícil tarefa deste curso, este Trabalho de Conclusão.

Bem no finalzinho, quase sem tempo, eu finalmente enxergo e sinto que a adaptação do projeto do meu TCC pode ser realizada. O fato é que estou bem

sedentário em circunstância do lockdown de prevenção ao Covid-19, que vem me imobilizando desde 2020.



Então, no final de 2021, aceito que meu trabalho de conclusão de curso será o registro da arteterapia que promoverá minha própria recuperação física, mental e acadêmica.

Eu entendi grande parte do processo, encontrei a poética, já até defini os primeiros movimentos do **roteiro!**

 *Gravando, a cena vai, um bastardo, mais um filho pardo,*

Chego na minha casinha alugada, a instalação do cenário está atrasada, o conjunto de objetos feitos por *assemblage*, que materializam meus argumentos aqui, não estão terminados. Mas como a locação é onde eu já vivo, os respectivos encargos estão ao alcance – ótimo!

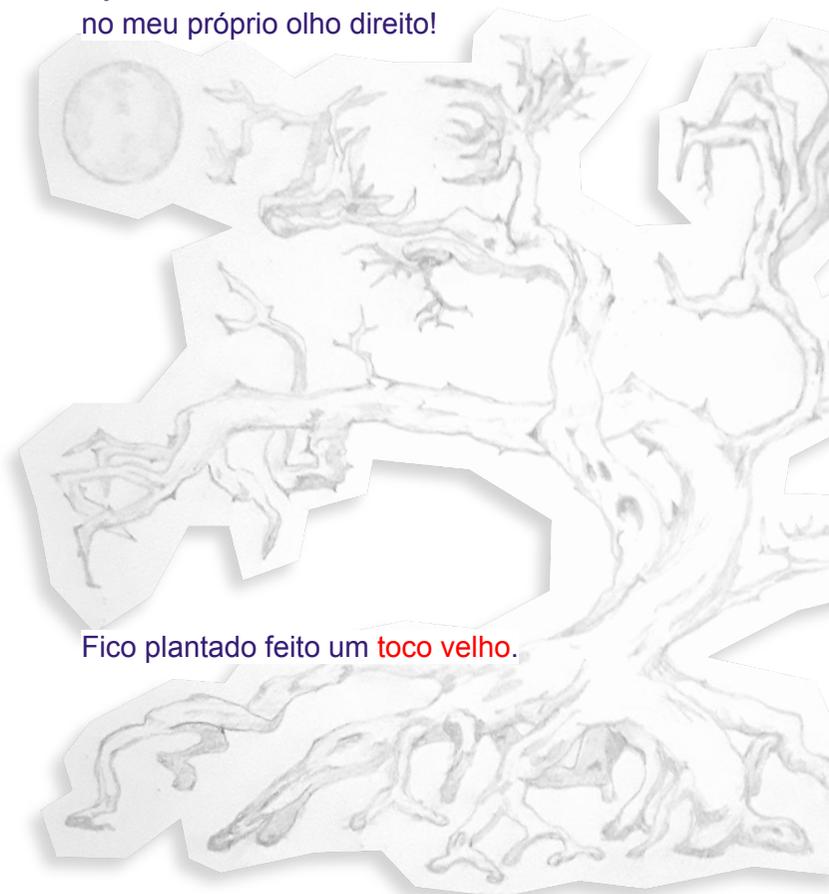
Sinto que as coisas estão se apurando. Daí, eu, com os movimentos do corpo bem atrofiados, deitado na cama, estico perna e braço esquerdo. Agarro com uma mão e um pé as pontas do lençol. Estico, solto, envergo meu dorso para cima,

Ponte, bem aberta e dolorida, mas promissora. Dou um *Aú* para o chão e vou pro movimento *Macaquinho*. Giro o tronco, apoio parte das costas na quina da cama para facilitar.

Isso!!

Os pés pra cima, o braço bambeia, escorrego, bato no chão com o ombro e na sequência com a cabeça, para finalizar, o joelho desce feito a PEC 241/55, bem no meu próprio olho direito!

Fico plantado feito um **toco velho**.



Seria cômico se não fosse trágico.

Afinal, predominou minha determinação para realizar algo que me cativa e instiga, mesmo sem ponderar que eu não tinha ainda preparo para fazê-lo. O tesão de ter alcançado um ponto que me permite acreditar de novo no sonho da finalização do curso me fez abstrair três fatos cruciais: 1) eu não tenho domínio suficiente da capoeira, 2) não tenho mais condicionamento físico e 3) moro só, portanto, é zero o número de chances em que alguém perceba se eu me arrebentar e precisar de socorro.

Doeu bastante, não sei como não ficou roxo, tentei imaginar porque eu ignorei meu instinto e as incontáveis recomendações e conhecimentos passados pelas queridas mediadoras dos saberes – minhas Professoras, que no Depto de Artes Visuais, são maioria. Mesmo sem romantizar, todas e todos são pessoas que, de fato, estão frequentemente ótimas.

Veja, já me sustentaram até aqui incontáveis contribuintes do imposto de renda, mas como o repasse é injusto e insuficiente, minha mãe, minha irmã,

irmãs, irmão, tia, tias, tios, amigos, amigas, amigues, pai, até estranho, estranhos e estranhas também me sustentaram diretamente.

Mas, como diz Tom Zé em uma de suas músicas, “, **Eu tô te confundindo pra te esclarecer**”, então explico: este episódio do tombo é uma ótima e contextualizada figura de linguagem para incontáveis "tombos" que eu tomei durante minha formação na UFPE, formação que pra mim pareceu uma longa peleja de capoeira.

Esta forma de perceber minha experiência acadêmica vem de um momento de atribuição de valores subjetivos. **Djamila Ribeiro** é minha referência a conferir legitimidade ao lugar de fala do qual afirmo que a universidade sucateada, sendo administrada por gestores conservadores, têm regimentos que prejudicam muito alguns grupos.

Atesto que agir com responsabilidade, dentro dos limites acordados – entretanto sendo mantido na pobreza e ainda perdendo direitos – foi muito difícil, por incontáveis vezes, foi deprimente e revoltante.



Mas conformado com apenas umas poucas roupas velhas, esfarrapado é o meu *look* hegemônico. Acordo e faço, primeiro, minha “prece” frente ao Altar à Santa Responsabilidade Visual.



Nanocloset – 1º “altar”

falta dado referencial

erro contragolpe



Djamila em seu livro *O que é lugar de fala?* faz distinção entre mídia de referência e mídia sensacionalista apontando o caráter funcional de narrativas distintas para fins de consolidação de discursos.

Como venho, com este trabalho, apontar que a propaganda oficial desta universidade é inconsistente, fazê-lo de forma ética é possível, expondo minha própria vivência como graduando nela.

Sou um dos muitos deferidos/as/es da primeira geração do SISU, em 2015. Nós, universitários de baixa renda nos diversos cursos das diversas Universidades Federais brasileiras, comprovamos com muitos documentos que não temos nenhum tipo de fonte de renda – tampouco possuem nossos familiares e relativos. Atestamos, no Enem,



golpe

CHAPÉU DE COURO – gravura ilustrativa da violência das deliberações políticas estatais/institucionais que nos destruiu severamente, de distintas maneiras, nos distintos grupos do corpo discente

capacidade intelectual para acompanhar as teorias científicas dos cursos acadêmicos, precisamos apenas dos subsídios dos quais a universidade já dispõe e se comprometeu formalmente em nos disponibilizá-los.

O comprometimento era uma finta, que antecedeu o golpe que nos atingiu.

Saindo de 2021, o Brasil está numa crise mitológica por conta da gestão pública; a CPI da Covid-19 indiciou, incluindo o presidente, dezenas de membros do governo por algum tipo de envolvimento com a sabotagem do sistema econômico, de saúde e subsequente contenção da pandemia. Investigações jornalísticas apontam manobras políticas que desmonetizam os Ministérios da Cultura, do Trabalho e da Educação, mas superfinanciam o Ministério da Defesa. Também mostram indícios

de envolvimento da presidência e seu entorno familiar com milícias e até com o assassinato de uma promissora vereadora junto de seu motorista.

Estamos vivendo sob uma enorme alta nos preços da maior parte dos bens de consumo, como poucas na história deste país, decretos que facilitam acesso a armas de fogo, genocídio dos povos indígenas, de pessoas lgbtqiap+, de mulheres e de negros, desmatamento e incêndios florestais de proporções assombrosas, enchentes devastadoras.

Neste panorama nacional, muito já foi tirado de nós – cerca de 700 mil óbitos por Covid. Ao longo dos últimos cinco anos, a vida foi piorando muito, aqui, na Cidade Universitária em que eu estudo, já presenciei suicídio, me esquivei de tentativa de assassinato, colegas tiveram crises psicológicas e paranóicas, diversos casos que destruíram relacionamentos e encerraram vidas, teve até gente jovem com princípio de derrame!

Ainda que na UFPE existam órgãos departamentais criados para dar suporte a estudantes socioeconomicamente vulneráveis, entretanto, como já foi dito, essas repartições estão sucateadas, sem

recursos e sem profissionais suficientes para atender a enorme e ainda crescente demanda.

Meu dente quebrado, examinado, e tudo que o Depto de Odontologia da UFPE me dá é esta listinha de consultórios para eu procurar e obter assim, tratamento. Não consegui sequer triagem em nenhum destes. No aniversário de 76 anos da UFPE, estudantes de Odontologia protestaram contra o sucateamento, em um dos cartazes, a denúncia de extração dental feita sem anestesia!

Embora o número de estudantes das classes de baixo poder econômico venham conseguindo entrar nas Universidades públicas, quantos conseguem concluir seus cursos?

Desde 2015, sendo da primeira geração do SISU, eu vi 12 gerações, gradativamente, perderem direitos na nossa assistência estudantil. Vivi presencialmente todo o processo de degradação dos departamentos responsáveis por garantir dignidade para desempenharmos nossas performances acadêmicas. Acredito que isso foi fundamental para que chegássemos até aqui exauridos – eu e todas as pessoas com as quais mantenho contato.

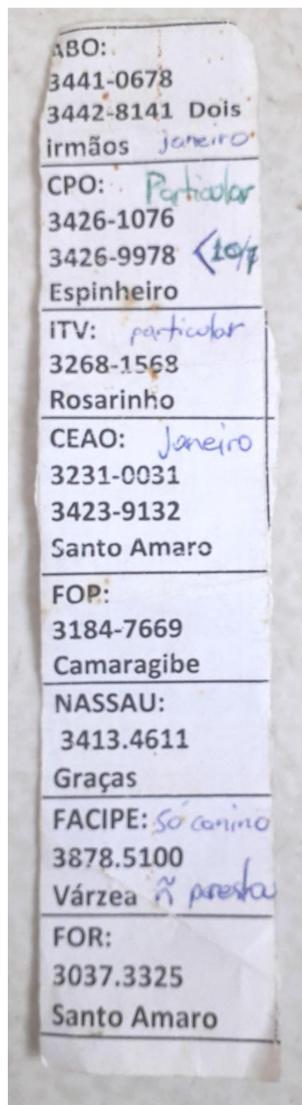
Outubro de 2021 foi quando eu desacreditei quase que completamente da sociedade. No meio do que seria meu último período, minha mãe, de 65, teve um acidente vascular cardíaco. Dona Edite, incontestável trabalhadora, foi uma das únicas pessoas que vieram me ver aqui em Recife, e viveu comigo um cotidiano de muita precariedade.

Mainha não entendia porque eu me submetia a este tipo de vida. Isso

certamente a fez trabalhar mais para ter algumas dezenas de reais à disposição e me mandar quando soubesse de alguma privação minha. Na ocasião em que ela teve o AVC, estava cumprindo um turno de 24h de trabalho.

Aqui está o ponto de mutação que a Capoeira Angola me propiciou, pois, do ápice do desânimo, quando eu não enxergava mais ninguém por quem valeria terminar o curso, quando eu estava prestes a ir embora para ficar com a minha mãe convalescida, meu colega de curso, Leon, que estava no processo de recuperação da Covid-19 e aos poucos, ele se reabilitava com a Capoeira Angola, me convidou para participar de um treino leve. Ele me apresentou aspectos deste jogo que eu não conhecia, aspectos filosóficos que extrapolavam as denominações sistemáticas desta arte marcial. Eram informações históricas que rapidamente associei, em analogia, com meu percurso acadêmico.

Entretanto, o que para mim teve o valor transcendente foi que muitos aperreios se mostraram diversão em um momento em que só a depressão me acometia. A musicalidade associada a gestos e



subterfúgios performáticos, à cadência da dança dialética dessa troca de afrontas, ressignificou a maior parte das minhas angústias.

Nestes momentos, me dei conta do quanto havíamos investido para estudar – nós, das periferias, das regiões rurais, dos quilombos e aldeias Brasil afora. Daí então, “trilhar essa *picada*”, voltou a ser algo de muito valor. “Essa *picada*” se refere aos espaços arquitetônicos ao redor do resiliente Arruado – uma comunidade que resistiu à grilagem do estado no início da construção da UFPE e agora é seu coração. Defender meu TCC não é só pragmatismo positivista, é também retórica evidente do meu senso de responsabilidade junto a todos e todas que tombaram sem concluir esta “trilha”.

Este trabalho é uma homenagem aos que se foram e também intenciona encorajar aquelas pessoas que continuam de pé e renovam suas forças quando cada um de nós persevera e expressa essa perseverança de forma artística e bem humorada.

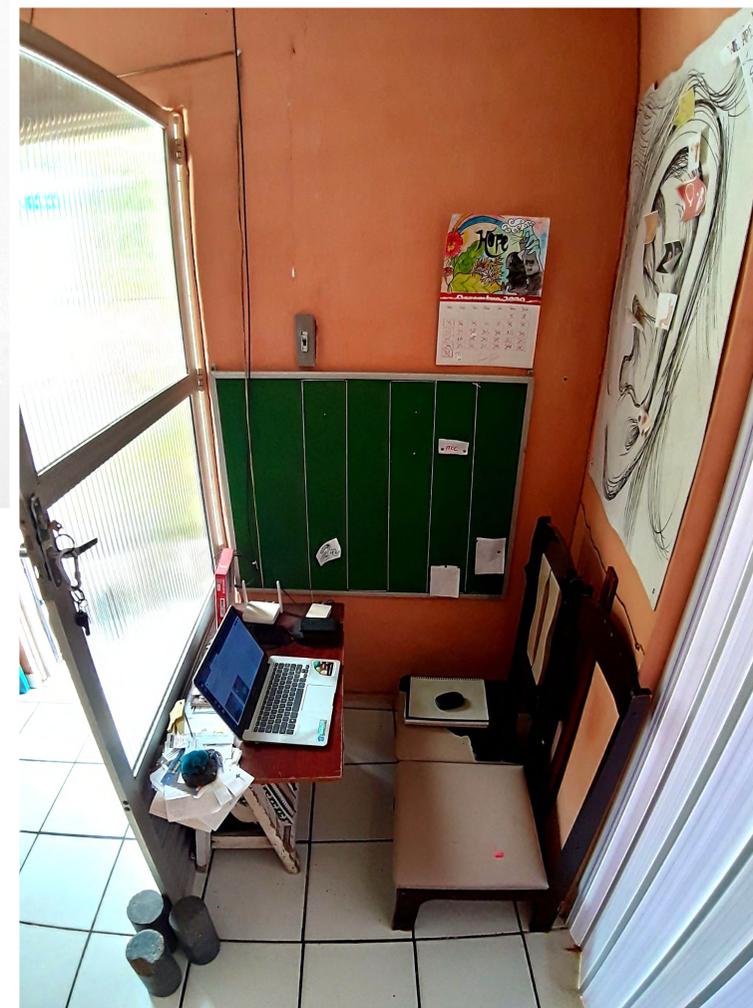
Listo a seguir espíritos aos quais peço a bênção e dos quais empresto energias:

Remy
Miquésia
André
Manu
Japa
Mirão
Luana
Willames (Seu Adilson)
Flaviane (Dona Elisângela)
Tâmara e a filha de Chacon com Joana

Os nomes desta lista são de pessoas com quem eu convivi na UFPE e Várzea, morreram, se mataram ou foram mortas. São espíritos que pairam na minha mente e coração, me fortalecem quando minhas resoluções fraquejam. Pessoas que já não podem mais realizar nada neste mundo, senão através de mim e de outros que acreditam na responsabilidade de honrar a ancestralidade que essas pessoas constituem. São entidades que dão alma aos meus seis Altares às Santas Responsabilidades.

O segundo altar ao qual me curvo cotidianamente – o Altar à Santa Responsabilidade Capital – é aquele que melhor representa a responsabilidade que evoca essa recém nascida ancestralidade. Tudo que envolve recursos básicos de

subsistência é basicamente prioridade de vida ou morte.



Nanooffice – 2º “altar”



Cooking Tools Stack Fruit Rack – 3º “altar”

*falta dado referencial
erro contragolpe*



Jean Dubuffet usou o substantivo *conjunto* – que em francês se diz *assemblage* – para denominar objetos artísticos feitos juntando-se materiais diversos e oportunos. No início da década de 1960, em Nova York, o francês Jean apresentou sua série de objetos na exposição *The Art of Assemblage*, a partir daí o termo se popularizou na história das Artes Visuais.

Entretanto a técnica, a poética, a filosofia por trás dessa linguagem, é muito mais antiga: de **Picasso** a **Arthur Bispo do Rosário**, dos nossos ancestrais (quando colocaram um eixo transversal pelo meio das duas primeiras rodas) até os engenheiros concebendo carros de luxo (que são feitos artesanalmente hoje em dia), inúmeras pessoas juntaram partes para compor algo de artisticamente útil e/ou artisticamente significativo.



Na minha peregrinação diária, chegando ao Altar à Santa Responsabilidade Estomacal, faço mesclas frugais de ingredientes escassos, nutricionalmente significantes e artisticamente condimentados.

Em função da escassez de recursos, pude chegar a seguinte compreensão: desde que esses objetos tenham em sua constituição alguma funcionalidade, quase não importa o valor social atribuído a eles – pois o estigma torna-se mutável, a criatividade para adaptação do seu uso sobrepõe a significação de objeto velho, danificado, inutilizável, morto. Nesse contexto, a *assemblage* promove uma nova perspectiva, oferece novos detalhes que transformam a essência da estrutura, recicla a definição engessada pela fratura que a inutilizou da sua função original.

Ernesto Oroza é artista, designer e pesquisador. Ele produz com *assemblage* e teoriza sobre criatividade popular em

Esses “altares” são bancadas adaptadas especialmente para que eu possa escolher meu figurino cotidiano, organizar meu cronograma, preparar minha alimentação, produzir textos, representações ilustradas e os objetos tridimensionais. Ao mesmo tempo também são os objetos de apoio filosófico e poético aos projetos de emancipação que venho trabalhando por meio desta ciência específica.



objetos reinventados em Cuba, sua terra natal.

Em Cuba houve duas grandes crises econômicas que pressionaram a criatividade popular: a primeira aconteceu uma década depois da nacionalização das indústrias do país, na década de 1970. A segunda crise, depois da queda do muro de Berlim, na década de 1990.

Após a revolução de 1959, quando o povo cubano assumiu o controle de todas as indústrias do país, sem que houvesse ressarcimento aos desapropriados ex-detentores dos respectivos meios de produção, Cuba sofreu com o embargo dos Estados Unidos, vingando seus industriais ressentidos. Nesse tempo, a ilha recebeu poucos recursos internacionais, até que nos anos 1980, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas intensificou o intercâmbio econômico com Cuba.

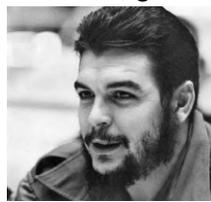
Daí, o segundo embargo, que foi muito pior. Aconteceu em 1989, quando a queda do muro de Berlim marcou o fim das relações comerciais entre Cuba e a URSS. Por causa do **desmantelo** desta última, o empobrecido país dos **Ernestos**,

com estado de emergência declarado, se viu sob a necessidade de aguçar ainda mais essa criatividade, certamente bem amadurecida pela necessidade de reinventar objetos utilitários, nesta compelida *desobediência tecnológica*.

“**Desobediência tecnológica**” é uma denominação dada por Oroza, nessa sua pesquisa – e se refere à atitude preventiva do povo cubano de guardar objetos quebrados de procedência industrial, para a ocasião em que alguma de suas partes, por *assemblage*, permita prolongar as vidas úteis de objetos similares.

Desde a década de 1960, houve muitas dificuldades vividas pelo povo cubano, como consequência do cerco político *yankee* de retaliação à ação de expropriação das indústrias privadas – levada a cabo pelo povo, quando convocado pelo Ministro de Indústrias, **Ernesto (Che) Guevara**, para, assim, fazerem a transição a uma nação socialista – politicamente alinhada à URSS.

A saída encontrada coletivamente envolveu um uso engenhoso de suas tecnologias deterioradas. As máquinas



artesanamente reparadas, chamadas “*criollas*” e os incontáveis objetos artesanamente recriados foram a materialização dessa contracultura compulsória – a negação do capitalismo, do consumismo e dos descartes.

| BT – O Segredo da Raposa – Xilogravura



| Preto moço – Tinta acrílica e papel Paraná



| Espada de Ogum – Vergalhão de aço, arame e argila

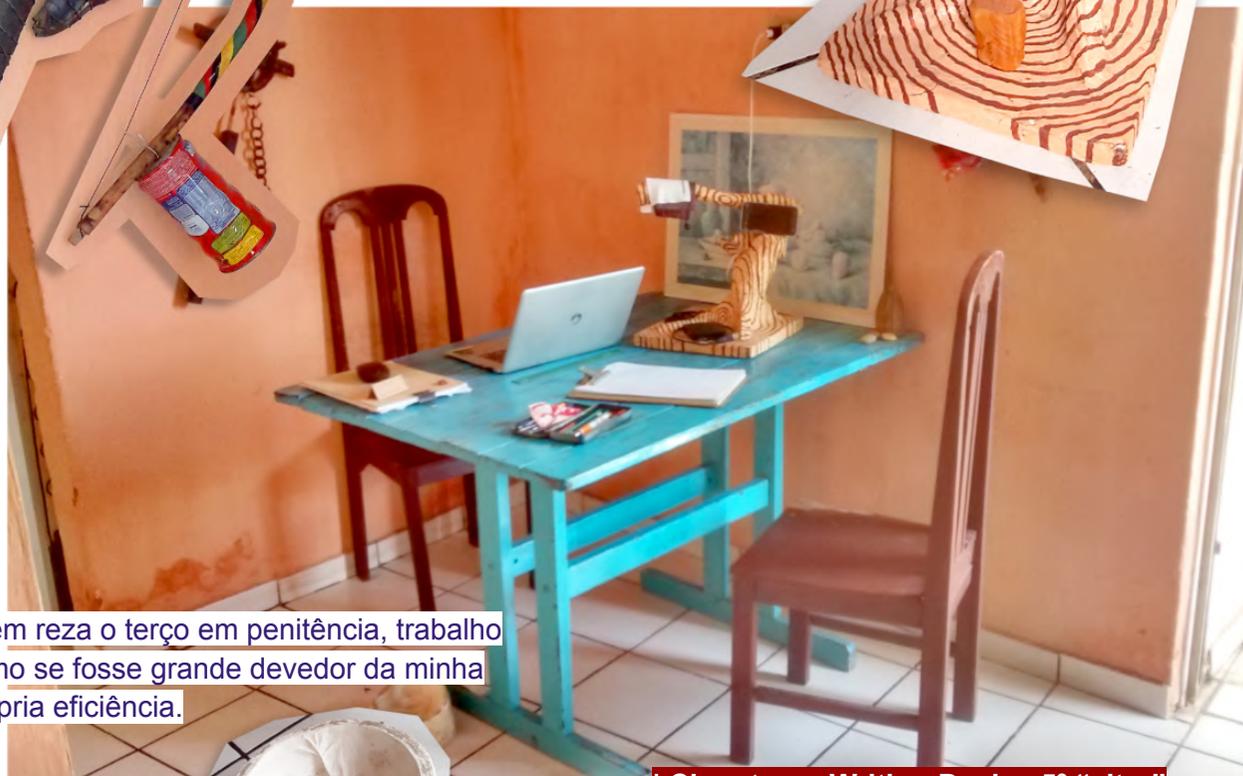


| Sacasmo – Isopor, espetos de bambu, jornal, cola e tinta acrílica



Olhando e depositando
esperança no futuro.
Quando a noite cai, chego
no Altar à Santa
Responsabilidade Espiritual.
Escrevo e rabisco, com lápis,
pincéis e teclado, conceitos,
desenhos e diagramas
do que amanhã vou
trabalhar, de novo,
no quarto “altar”.
Trabalho como

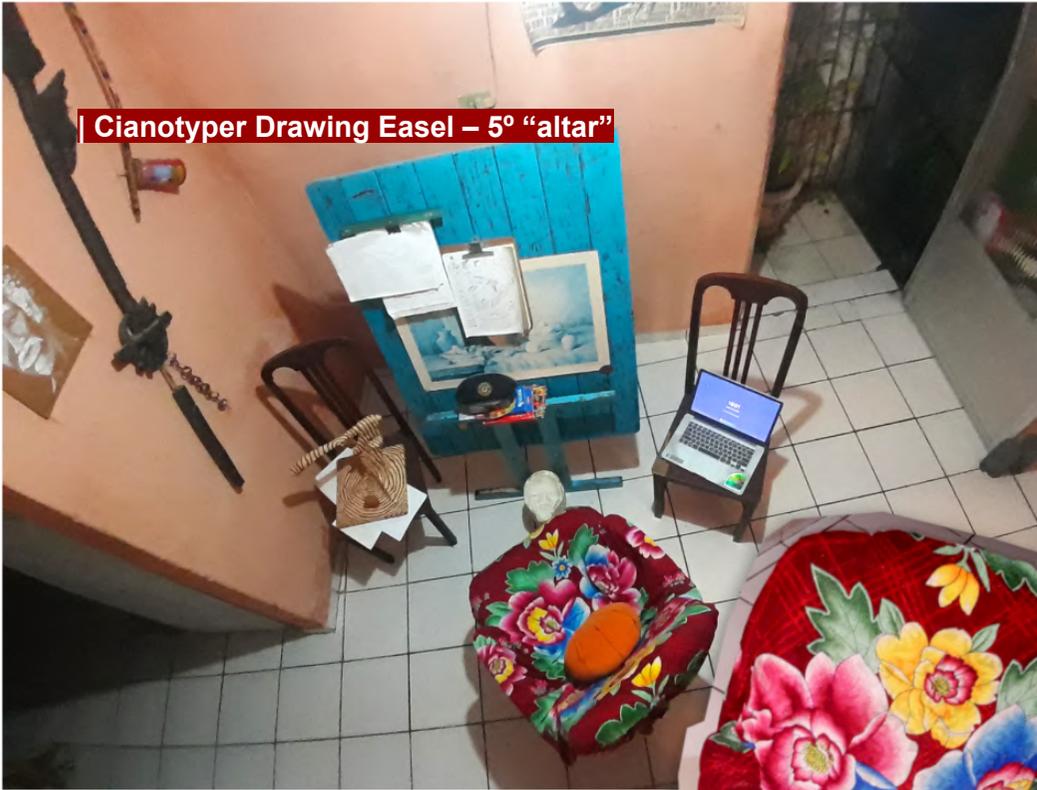
quem reza o terço em penitência, trabalho
como se fosse grande devedor da minha
própria eficiência.



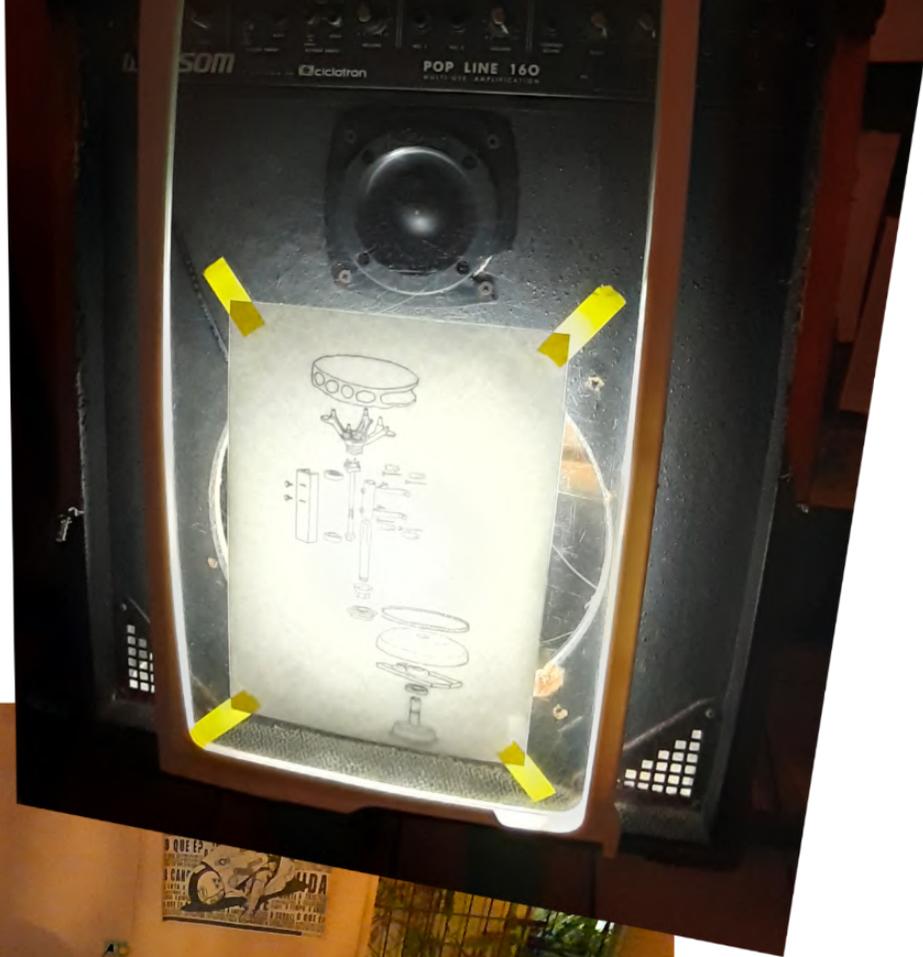
| Cyanotyper Writing Desk – 5º “altar”



| Cianotyper Drawing Easel – 5º “altar”



Estou consciente de que por hora não temos força para revidar os “valentões”, mas se permanecermos “vivos” na “roda” por mais tempo, pode ser que, com fé, consigamos mais espaço para “jogar” ao nosso gosto.

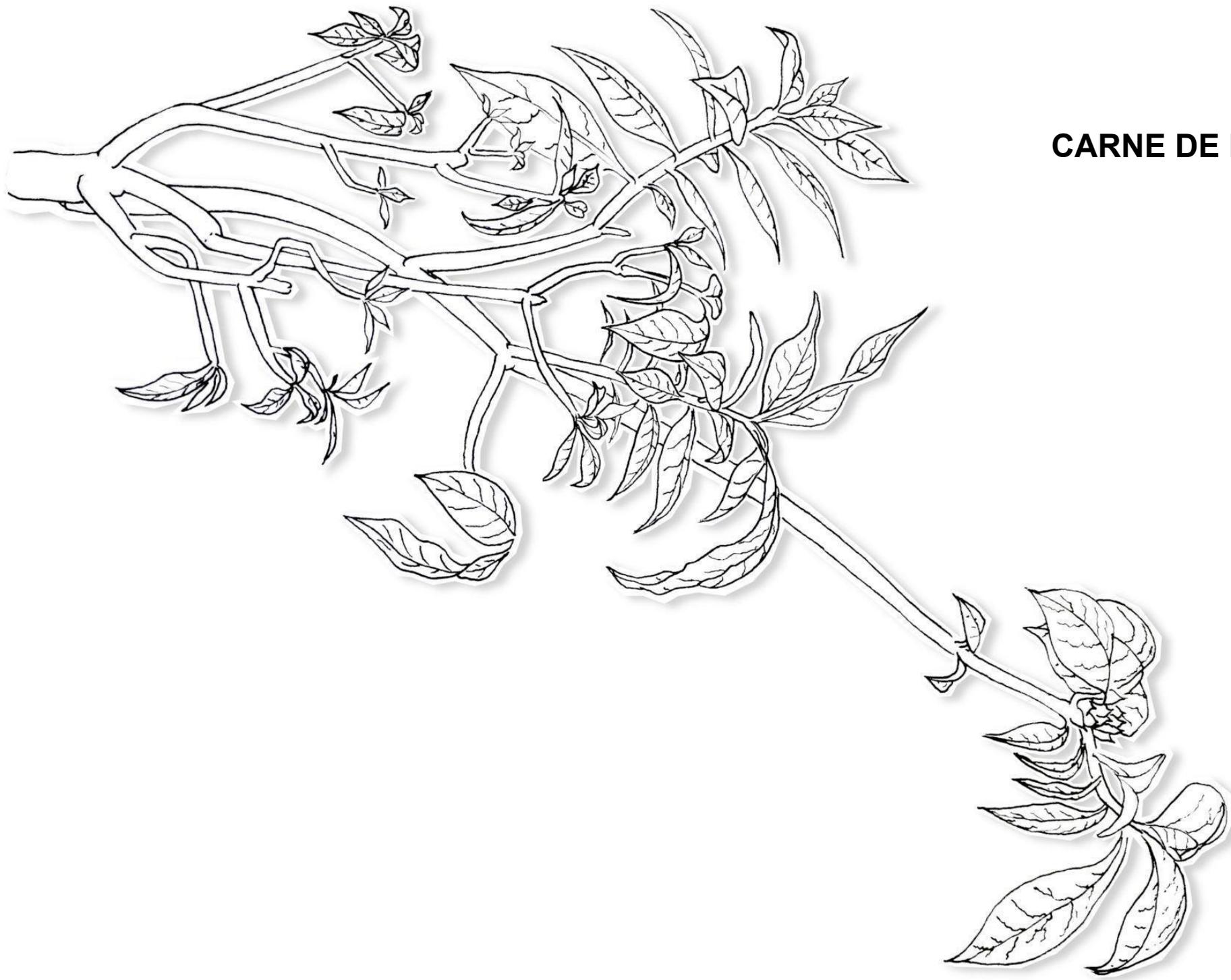


| Cianotyper Sealed Beam Box – 5º “altar”





CACOS COM



CARNE DE POBRE

♫ Porque mis alas son difícil de cortar

Chegar em Recife, tendo ingressado como estudante de baixa renda, foi como viver a agonia mobilizante de um **retirante** advindo de um lugar relativamente cômodo, mas árido (e vice versa) – inclusive de referências identitárias de contraste.

Eu tinha essa sede, bebi de várias culturas nordestinas, entretanto, para cumprir o compromisso assumido com a ciência, fui alocado por meus **tesoureiros estatais**, numa situação em que eu não receberia nem mesmo o básico para sobrevivência.

De início um imaginário que está consolidado, está sendo hegemonicamente representado e nessa representação reafirma preconceitos. Desde quem é o protagonista e quem é o coadjuvante até quem recebe falas, figurinos e atenção nos momentos de dúvidas na nossa cultura cosmopolita. Tudo está configurado para que as mudanças não aconteçam, para que poderes não se propaguem e menos ainda, se transfiram.

Djamila articula uma série de conceitos sobre perspectivas de intelectuais feministas acerca de como uma pessoa acumula estigmas na forma de reconhecimento social. Quando se é do gênero feminino, quando se é preto, quando habita áreas estigmatizadas, enfim, **tudo**

que seja contrastante com o arquétipo alfa, branco, colonizado(r) e masculino, é parâmetro de silenciamento, de desumanização.

Silenciando minha genética hereditária negra em consciência do peso da identificação visual como branco branco, sendo homem, cis, hetero, mas sem o privilégio do poder econômico, me situo num grupo heterogêneo, numa intersecção de negligência, iniciando uma pesquisa, mas,

“... quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.”

Djamila Ribeiro, **O que é lugar de fala?** (Belo Horizonte, Letramento, 2017)

p. 35

*dados referenciais antecipados
erro contragolpe*



A finta foi que, na ocasião de emitir ordem de pagamento das bolsas ao nosso grupo...



esquiva

LATERAL – gravura ilustrativa da flexibilidade argumentativa, da vasta experiência e maturidade retórica das substituíveis e alternantes pró reitorias a defender o status quo da distribuição de recursos da União



♪ *Mata, que mata, que mata, que mata,
que mata, que mata, que mata a sede*

*Eu não tenho dinheiro,
sou pescador
sem sinhá.*

... uma justificativa da Pró-Reitora de Assistência Estudantil. Ela explica que, antes disso, haveriam de verificar nossas documentações e certificar que éramos mesmo pobres, isso levaria alguns meses – mas precisávamos de abrigo, comida, materiais de higiene e limpeza naquele instante!

*Mas a porta da minha casa
dá de frente pro mar.*



Cachoeira do Pinga – Aquarela e papel



Antes de me encaminhar para essa jornada de reeducação, já passada a primeira década da minha maioria, eu estava bem ligado a elementos culturais e ancestrais ainda **muuito** desidratados em São Paulo, o estado de onde eu vim.

Ainda lá, **Mestre Chacon** havia me oferecido estadia. Por não ter conhecidos em Recife, ele foi meu porta voz do acolhimento de um dos vários povos nordestinos. Me apaixonei pelo imaginário da cultura do batuque do baque virado.

Viajei metade do estado de São Paulo para tocar alfaia junto de "**psicodélicas baianas**", "**cafuços pernambucanos**" e mais um **mói** batuqueiros de outros cantos do país e do mundo afora.

Apreendi muito sobre como um conjunto de culturas, temperadas com bastante coentro, se nutrem e retroalimentam uma



espiritualidade de festa da resistência. Isso abriu meu apetite e me coloquei no rumo de onde tinha muito mais desse dendê que eu tinha acabado de experimentar.

Pousei na capital pernambucana em fevereiro de 2015, era final de recesso da universidade, era também mês de Carnaval.

Olha, conheci tanto artista, tantas formas de bons afetos, expressadas em tantas cadências de emoções. Da sofrência ao deboche brega funk, gestos culturais novos pra mim mas que eram íntimos da minha ancestralidade.



No Pina, quem me recepcionou foi Dona **Elda**, mãe de **Chacon Viana**, Pai de Santo do Ylê Axé Oxóssi Guangoubira, que é também Sede da Nação do Maracatu Porto Rico, da qual **Mãe Elda é Rainha**. Esta Nação de Maracatu foi meu primeiro **lar** em Recife,



pois a UFPE "não sabia lidar conosco". Foi **preciso reunião formal entre**

nosso grupo de estudantes vindos de fora da capital pernambucana e a Pró Reitora de Assistência Estudantil, para que fosse, só então, permitida nossa estadia provisória no Núcleo de Apoio a Eventos (NAE).



Da comunidade veio tudo que a instituição tinha firmado prover. Da instituição veio tudo que o discurso hegemônico atribui à matriz ideológica marginal, mas que é, em geral, práxis arcaica da classe política administrativa: prevaricação seletiva.

A comunidade me abraçou como se eu estivesse ali, colaborando, desde sempre. Como se eu fosse da família, fui abrigado, tive carinho, fui educado numa tradição ofuscada, fui nutrido.



Mas minha provedora formal me rejeitara, foi desilusão inegável, fria e calejada, a assistência social não me viu senão como ameaça e assim, sempre fui instruído dentro da margem formal de direitos, obtive um pouco menos que o mínimo de respeito.

O Restaurante Universitário estava com a reforma parada a anos, entretanto as aulas já haviam começado e deveríamos apresentar resultados, estávamos sob expectativas insustentáveis de desempenho.



Sobrado de mamãe é debaixo d'água.

Debaixo d'água por cima da areia.

Tem ouro, tem prata, tem diamantes que nos alumia.



A burocracia era claramente a “*esquiva*” da Proaes para evitar dar um prato de comida sequer a quem quer que pretendesse fraudar seu edital de manutenção acadêmica.

Somos pobres, logo, somos desonestos?!

Isso nos levou a avançar com uma “*Cabeçada*” – surpreendemos o ex-Reitor, num momento de inauguração da CEU Mista, única Casa de Estudantes que receberia novos discentes por bastante tempo.

Nessa solenidade, a promover seu mérito em fornecer teto a um baixo percentual de estudantes matriculados em desabrigo, o “*pai*” omissivo do Estatuto da Paridade, embalava displicente, na história oficial, que é um **re**itor que dá abrigo.





Pois foi sob a marquise da CEU Mista, que este Brasileiro foi “pego pela mão” e foi apresentado ao quanto estávamos servidos de descaso, entretanto, mesmo

nosso “contragolpe” se aproximando o suficiente e o intimidando politicamente, e ainda, forçando mudança de atitude, tivemos que buscar as “forças dos ancestrais” para perseverar ao prazo mínimo dos trâmites burocráticos.

Assim, no início de 2015, eu, junto de um grupo de discentes recém matriculados na UFPE, fomos em caminhada até o Ceasa para apanhar de seus descartes, quaisquer frutas e legumes que pudessem ser aproveitados para consumo, naturalmente, depois de retiradas as partes estragadas, prática recorrente de moradores de rua chamada “recicle”.

Neste momento, a solidariedade própria de moradores de comunidades precárias foi uma virtude que ajudou o grupo a resistir, pois alguns de nós tinham um pouco de dinheiro em reserva e com este,

podemos comprar alguns dos alimentos industrializados que vieram a completar as refeições com o que foi obtido por “recicle” e então alimentando a todos.

Isso marcou de tal maneira que me levou a produzir como trabalho final do primeiro período, para minha querida Professora **Suely Cisneiros**, na disciplina de Argila, uma escultura de barro, aço e arame, para evocar a força do orixá Ogum, uma representação de minha autoria da espada deste orixá guerreiro, símbolo da justiça e da vitória – que no sincretismo religioso é São Jorge, santificado soldado que atravessa o dragão com sua lança e supera o mal.

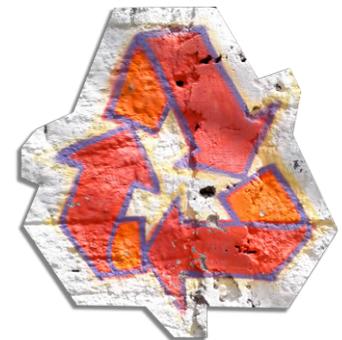
Uma vida me alimentando frugalmente e às portas dos 40 anos, me identifico numa realidade de racionamento. A perspectiva da insegurança alimentar, vivida na pele, se fez inestimável, pois foi nesse momento que meu juízo de valor passou a identificar o alimento como um “remédio” para curar o “mal” da fome.



Assim, considerando alimento como remédio, e a fome como uma mazela perene, a comida ganha importância enquanto estrutura nutricional, enquanto volume específico e enquanto regra de dosagens, não podendo faltar nem sobrar.

Em contrapeso, o alimento consumido como remédio perde importância enquanto recurso de conforto e prazer pelo paladar. Perde prioridade enquanto fruto de marca monetariamente supervalorizada, enquanto categoria alimentícia utilizada para rituais de inclusão em grupos sociais – como os famosos churrascos de confraternização, dos quais não participo há anos por conta do preço astronômico atribuídos a carnes e cervejas.

♪ *Apanha a laranja no chão tico tico...*





F A Y G A O S T R O W E R

Fayga Ostrower, no livro *Criatividade e processos de criação*, ao processar considerações sobre significados possíveis dos conceitos do título desse livro, diz que “a pessoa rígida, altamente racionalista” não seria capaz de criar. Essa afirmação nós pudemos confirmar, pois, os e as tecnocratas da gestão pública, na Proaes e na Reitoria da UFPE, se esquivaram dos percalços da admissão de pobres no ambiente acadêmico.

Frente às nossas demandas, “*mandingaram*” no suingue regimental da Fita de Moebius. Sem empatia, *fitando* os nossos olhos sequiosos de acolhimento, nos ludibriaram com a ampuheta para garantir tempo e espaço para o orçamento. Dinheiro sendo resguardado como se fosse gente fragilizada e gente tratada como número – de CPF a ser “cancelado”. Em tempo, passei a considerar a ciência administrativa reproduzida na UFPE desprovida de criatividade.

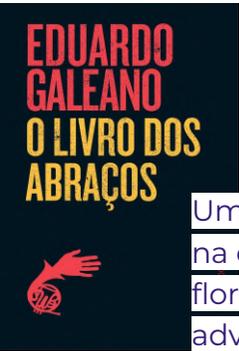
Na ressignificação poética advinda dos novos ingredientes culturais afrodiaspóricos, qualifico as ações destes burocratas com o imaginário da capoeira, mas essa flexibilidade está no meu juízo de valores.

Mandinga é a flexibilidade atitudinal que se performa com gestos característicos para manter o adversário em dúvida sobre as nossas próximas ações, mas inicialmente *Mandinga* é o nome de uma etnia Africana. Na história da Capoeira Originária, foi a adaptação de uma expressão cultural deste povo, para um conjunto de artifícios, na “dança” da Capoeira Angola, que garantiu tempo e espaço suficiente para evitar um tiro de mosquete, para evitar um golpe de sabre, para se esgueirar por qualquer brecha do entorno e se aquilombar.

Mandinga também foi o conceito que me levou a reconhecer nossa semelhança a moradores de rua e também adotar suas práxis para “curar” a fome insustentável que tiraria muitos estudantes vulneráveis dos nossos cursos por falta de sustento. Essa compelida criatividade, entretanto, abriu minha mente e me permitiu *engolir* esse “remédio” para falta de alimentos.

Pastinha diz que a capoeira “...é tudo que a boca come”. Aqui na CDU, estive bem servido de “*Negativas*”, engoli sapos e *ijas* bem distintamente e metabolizei as frustrações, que nestas páginas, é poética de uma resistência político pedagógica.





Porto Alegre, L&PM, 2002 - Medo p.61; A burocracia/1 p.35 e p.36; A pequena morte p.54; A uva e o vinho p.?:
A fome/1 p.43; A fome/2 p.47; O devorador devorado p.54; O céu e o inferno p.127

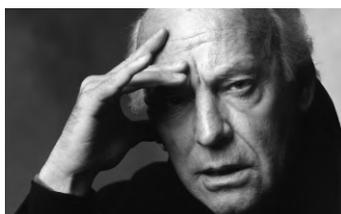
Uma coisa importante que eu sinto na capoeira é que, quando faço floreios não é pra enganar o meu adversário, mas porque eu o **temo** e quando eu avanço, é por espasmo de coragem. Estes espasmos têm me levado adiante, com certa maestria de ferir apenas o ego dos agressores, afinal a violência não está em minha matriz de valores estimados.

Entretanto, a capacidade de ser agressivo me foi estimulada nesta arteterapia. A Capoeira Angola deu segurança de me aceitar como indivíduo digno de me revoltar. Mas este é um sentimento que está em ambiguidade à essência amorosa da **antropologia**, esta estimada ciência que pra mim é um prisma do olhar, cuja sensibilidade desperta noções de responsabilidade e cuidado.

Enquanto eu ainda romantizava tudo de bom e novo que eu acabara de conhecer em Pernambuco e tinha sede para submergir a

fundo neste universo, a luta política em defesa de direitos me pareceu a única coisa certa a se fazer.

Daí, rejeições, objeções, formulários e extensos calendários de espera, em suma: diferentes formas de **Negativas** e por fim, a urgência de aceitar a ausência de respaldo, aceitar os constantes e versáteis assaltos aos cofres dos recursos para educação. Viver logo as etapas do **luto** seria encaminhativo, porque o processo de desmonte da educação não espera ninguém.



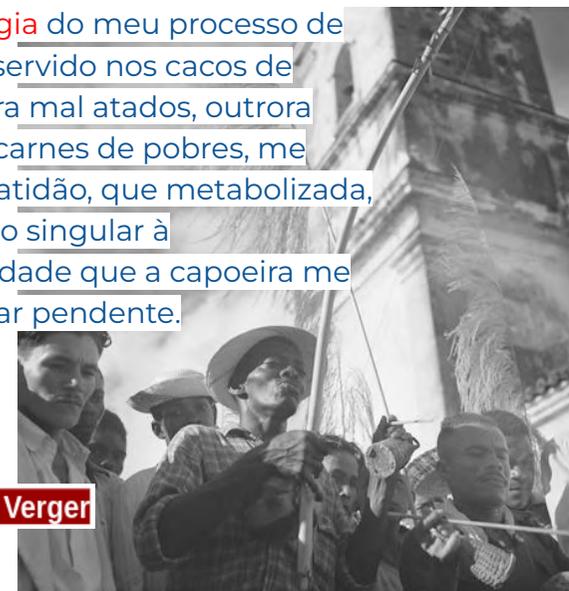
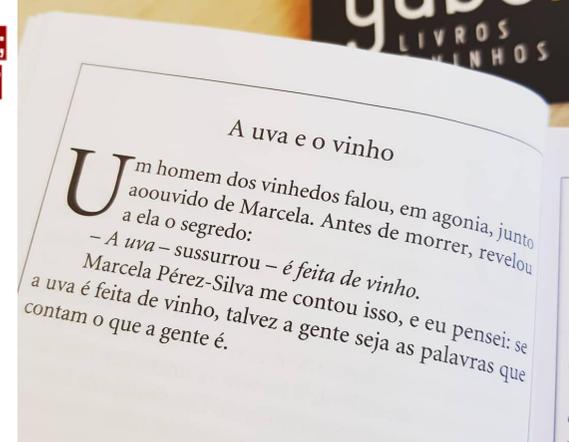
Não havia movimento estudantil com força significativa, nem sequer um Diretório Central de Estudantes. Como

atesta Djamila, não há produções nem epistemologias, nossas vozes não foram ouvidas, nossas queixas não estão catalogadas. Todas as formas de silenciamento, todos os subterfúgios dos assédios morais, vestem terno e gravata,

e oprimem negros, brancos, feministas, evangélicas, lésbicas e pessoas trans.

Aqui, neste lugar social que ocupamos, fizemos pontes e abrigos em conjunto, concatenando nossos discernimentos singulares, mas éramos meros estudantes e a desvalorização social que a nossa classe amargava, foi o limite da nossa resistência, fomos isolados pela sociedade do sensacionalismo, como se fôssemos adolescentes históricos, tivemos apenas nós mesmos a nutrir nosso senso de justiça.

A **antropofagia** do meu processo de graduação, servido nos cacos de infraestrutura mal atados, outrora repletos de carnes de pobres, me nutriu de gratidão, que metabolizada, dá um ânimo singular à responsabilidade que a capoeira me advertiu estar pendente.



*dados referenciais antecipados
erro contragolpe*

Enquanto gingava todo desengonçado, nos primeiros tombos que tomei por dar chutes sem ter equilíbrio, eu soltei as primeiras gargalhadas desde o início da liberação do *lockdown*. Me impressionei com o poder estar alegre numa situação de iminência de morte por Covid-19, iminência de ser cortado da assistência estudantil, de perder minha mãe sem poder sequer vê-la, enfim, do ápice da insegurança, cada mandingada que eu sambava assanhava o sonho de um amanhã com a força e a coragem do início da minha empreitada educativa.

Então, o insight, estávamos em cacos, mas estávamos *se bulindo* para salvarmos

nossas peles, mesmo o mundo estando numa realidade desesperançosa, mesmo sendo a carne mais barata do mercado, a mera tentativa de plantar uma “*Bananeira*” nos devolve a alegria.

Fayga, quando fala de insight, afirma que no momento da “*visão intuitiva*” a inteira cognição se faz presente, num instante apenas, todos os ângulos de relevância e coerência de um fenômeno são internalizados. O conhecimento intuitivo daquele momento repercutiu em mim como um “*re-conhecimento imediato*” das memórias das situações anteriores, servindo de referencial destes novos dados.

“Nesse momento aprendemos-ordenamos-reestruturamos-interpretamos a um tempo só. É um recurso de que dispomos e que mobiliza em nós tudo o que temos em termos afetivos, intelectuais, emocionais, conscientes, inconscientes. Embora não sejam visíveis nem racionalizáveis os níveis intuitivos, bem sabemos de sua ação integradora. Em situações difíceis de nossa vida pode

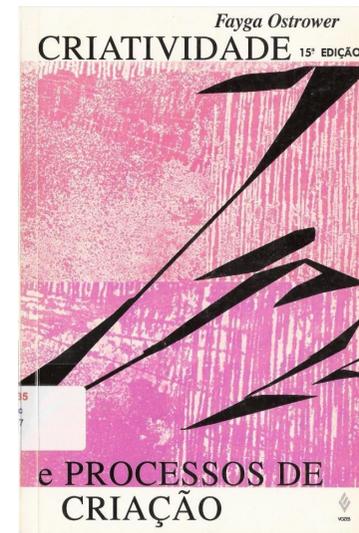
dar-se em nós esse tipo de reestruturação de dados, produzindo nova medida de ordem e permitindo-nos novamente compreender e controlar a situação.”

Fayga Ostrower, *Criatividade e processos de criação* (Petrópolis, Vozes, 1977) p. 68

A Capoeira Angola é arteterapia, tem devolvido a confiança a nós que estamos deprimidos, têm devolvido saúde a nós que estamos debilitados, capoeira é o que eu tenho jogado sem saber desde que cheguei aqui nesse “engenho” da ciência, é a *assemblage* da permanência estudantil que me intuiu a fazer uma horta urbana para complementar nutricionalmente as refeições economizando algumas unidades de real.



Invasivo – Aquarela e papel



De real em real, a qualidade e a quantidade do que podemos comprar nos mercados diminui, o volume e a variedade do que ingerir também.

Enquanto isso, o ex-capitão (do mato) no planalto “não larga o osso”. De golpe em golpe faz a quadrilha, da sua base de cumplicidade, milionária.

Imagine que, a cada um destes golpes contra os direitos já conquistados pelos cidadãos e cidadãs, uma carência dos tempos da diáspora acomete algumas ou várias milhares de pessoas.

De um ponto onde sua visão não toca, vem o captor (de direitos) e quando você se situa, está num lugar sem algo mais de imprescindível.

Aqui no Brasil, escravizados não podiam comer nada do que produziam para os senhores de engenho. Quantos não padeceram sem poder sequer comer coisa alguma?

Mas entre incontáveis saberes ancestrais, que eram as esquivas ao pior que os percalços da colonização impunha, havia uma solução alternativa à falta de proteína – de origem animal. Uma *planta alimentícia não convencional* (Panc), plantada nos jardins de uma paróquia de evangelização de negros e indígenas. Sabendo das propriedades desta planta, os meninos e meninas *mandingavam* nos horários das sessões de adestramento religioso e comiam suas folhas e flores.

Uma muda desta planta me foi dada de presente por *Mestra Mena*, pernambucana, escultora ceramista de descendência indígena, ela mantém em todo o espaço de quintal do seu atelier, muitas plantas raras, medicinais, nutricionais e ornamentais.

Mais tarde eu encontrei na minha vizinhança um vaso partido precisamente ao meio, como se tivesse sido cortado por uma espada, peguei esses dois grandes cacos e os amarrei juntos com dois pedaços de corda, também encontrados nas sarjetas da minha rua. No vaso está plantado até hoje um pé desta *Panc*,

chama-se Ora Pro Nóbis, popularmente conhecida como *Carne de Pobre*, que na falta de dinheiro para comprar carne, em vários momentos, me nutriu.

Oxe! Meu curso é de período integral em horário comercial, desde janeiro de 2022 estou sem bolsa, a nova Pró-reitoria de Assistência Estudantil cortou. Como estudante/pesquisador minha obrigação passou a ser conseguir dinheiro pra pagar as contas fixas: aluguel, água, luz produtos de higiene, gás, comprar comida – num país medonhamente disfuncional, como eu – estou terminando este trabalho mesmo passando fome. Estou mais que atrasado, não consigo ser eficiente e o alarme toca repetindo que eu não sou mais admitido aqui.



Recentemente, repercutiu por todo o Brasil nos noticiários da internet, uma cena de mulheres pegando comida de um caminhão de lixo, alimentos de validade vencida, descartadas por um supermercado em Fortaleza. No Rio de Janeiro e no Paraná também, nos últimos meses de 2021, vídeos de pessoas disputando ossos descartados por frigorífico explicitou o absurdo que vivemos para poder comer, enquanto acionistas internacionais lucram com o petróleo brasileiro absurdamente encarecido pela política de paridade de preço internacional, que faz com que tudo que é transportado neste país fique inerentemente mais caro, comida também.

Não se viu isso na mídia tradicional por bastante tempo, até que a fome gerada por escolhas políticas irresponsáveis não pode mais ser abafada. As mortes também foram abafadas, as agressões perpetradas às mulheres, às pessoas lgbtqiap+, às pessoas negras, às pessoas pobres, tudo tão relativizado quanto possível.

Sim, o discurso oficial feito às massas pelas mídias hegemônicas alimenta a desinformação.

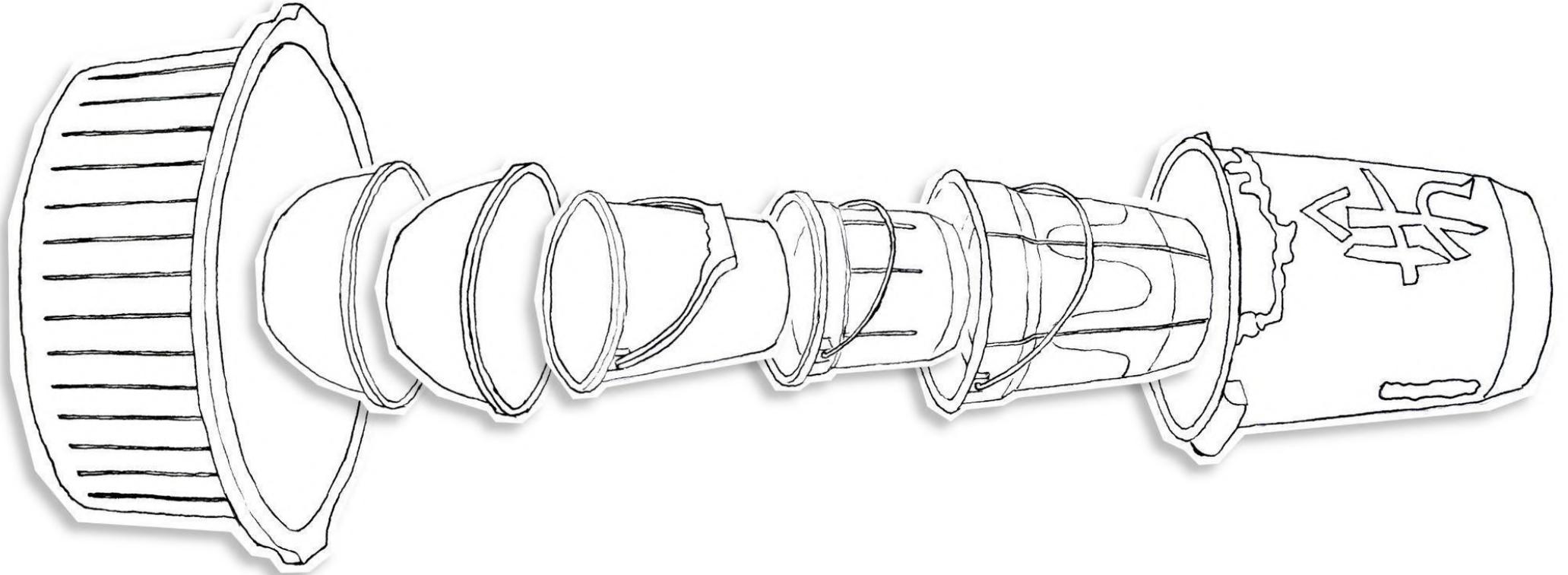
Este TCC há de ser higienizado dos agrotóxicos, para que eu possa estar bem nutrido, agora, que tenho que lavar tanta roupa suja na mão.



Cacos com carne de pobre – Vaso de cimento partido, corda, terra e Ora Pro Nóbis



LAVADEIRAS MATRIOSKA



Aqui é onde presto contas, afinal fui deferido para a **reagência** do “arquivo” professor. Contemplado com o privilégio de me graduar com recursos do tesouro nacional!

Mais de trinta páginas da narrativa ilustrada dos infortúnios no mundo afora, e no Brasil adentro, para chegar neste ponto fundamental, onde toda sujeira acumulada em mim por mais de quarenta anos é lavada.

A vida é conjuntural, o que aconteceu no meu mundo me concebeu. Capitalismo como sistema de valores, machismo como expectativa de reciprocidade, cristianismo como poética teocrática imperativa, jogar imediatamente na rua o indesejável, como forma de livrar espaço pro “novo”.



Me percebi um lixo, entretanto, um lixo que, finalmente, tem o poder de se auto reciclar, um ser plástico, barato, feito aos montes.

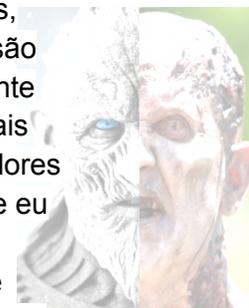
Para me refazer faltava *tékhne*, termo grego do qual se originou a palavra arte, mas que sugere um valor subjetivo: o deixar aparecer.

Para mim apareceu cultura, política, educação e em mim, apareceu medo, insegurança, paranóia, ansiedade, muitas dúvidas, além de patologias fisiológicas.

Mas a abençoada consciência de classe e de privilégios foi o **raio da silibrina** – como se fosse o “**Cloro da Silibrina**” dissolvendo o encardido da trama – daquilo que realmente importa, do ser professor homem, hetero e cis, nada retinto, apesar de ter pai negro.

Sujeira, vede qual é o arquétipo majoritário dos bolsonaristas, especialmente nesses últimos meses que antecederam as eleições de 2022 no Brasil. Homem, sem genótipo de negro aparente, hetero e cis, ideologia fascista e marcial, fetichistas do necropoder.

Nas características superficiais visuais, esses “**white walkers/walking dead**” são “iguais” a mim e para piorar, no presente contexto em que as informações visuais são as mais relevantes no juízo de valores sociais preconceituosos, as vezes que eu errei eu contribui para “críticas” *ad hominem* – que associam aparência e fatos descontextualizados para atribuição ágil de valores sem pesquisa, aceitos como verdades sagazes.



Nesse processo educacional, eu trabalhei lento, fui ineficiente, atrasei a entrega de muitos trabalhos, e desses, vários bem aquém da qualidade possível, fossem favoráveis as condições.

Inquestionável que eu fui um **aluno problema**, tenho sido decepcionante e isso, empregando tudo que tenho e todos os meus esforços mais verdadeiros.

Bom, feito o reconhecimento da **monocultura** ao meu redor e dentro de mim e recusado o braço sujeira da CBF, empreguei saberes e métodos não formais na minha transformação e no planejamento de práxis alternativa de docência, esta, vinculada a um ideal composto – plurirracial – me faz crer que eu consigo me **despir** de uma herança

maldita, e aqui, neste trabalho-momento, me desnudo. Entretanto, com meu corpo de retalhos com mais de 50 tons de **pardo**.



Fiquei de molho por bastante tempo na austeridade, por fim peguei o sabão da capoeira nas minhas próprias mãos e **acocorado**, com a *tékhnē* empírica de **mainha**, me lavo na bacia-ventre das ciências humanas de arte.

♪ *Pra lavar minhá roupa não tem sabão,
O não tem sabão, colega não
Pra lavar minhá roupa não tem sabão,
O não tem sabão, dinheiro não*

Por sete longos anos estive a lavar minhas roupas na mão, encarei essa tarefa intransferível como uma forma de remendar meu couro cheio de furos dos privilégios machistas que o atravessam. Os conhecimentos empíricos implícitos dessa rotina, foram como ácido abrasivo **mordendo** o brilho duma liga pobre de cobre que me cobre, ardendo de irritação, queimando cada camada **paia** das projeções que se fazem de mim.



E quando não me lancei, fui lançado em muitos infernos e nestes, rios de desilusões fizeram o mar límpido das minhas



responsabilidades, navegáveis. Pois a trama limpa dos poderes, que a sociedade me confere acesso desde o berço “esplêndido”, pôde ser uma rede de privilégios empregados em irradiar alguma justiça, de difundir poderes **realis** em rotas que apenas eu tive acesso e trilhei.

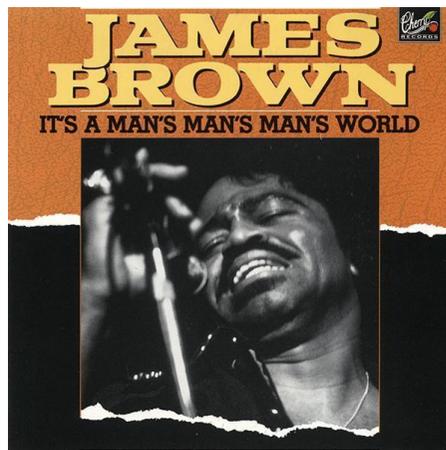


A partir de uma autocrítica, materialista histórica, do meu lugar de fala, eu escolhi mostrar que minha identidade era um produto cultural hegemônico, socialmente reproduzido enquanto performance de uma normalidade tóxica.

Paradoxalmente desejado enquanto aliado (lastimável) e também, enquanto inimigo simplório a ser combatido. Descartável depois que cumpre seu uso programático e previsível nas suas ofensivas.

Homem de bem brasileiro, identidade podre, hoje é fácil ver de onde veio, como foi legitimada, a quem e a quantos perverte, e que é insustentável.

Deglutindo o mundo e cobrindo ele todo de merda.



Enfim, espero que quem estiver a ler este “segundo caderno” esteja de saco cheio de tanta agressão. Saibam que foi pouco tudo o que leram até aqui, houve muito, mas muito mais. Estou certo, no entanto, que não vou conseguir lidar, nessa lavada, com toda sujeira que esfregaram em nossas caras.

Escolhi essa linguagem escrita de arranjo extenso (maçante), para expandir no imaginário de quem lê este livro de artista a sensação desagradável daquilo que eu e milhares de estudantes sentimos ao longo dos últimos 7 anos.

Eu e todas as pessoas que me querem bem, sequer ouvimos falar de direitos que estão sendo tirados da gente.

bbb

*This is a man's, man's, man's world
But it wouldn't be nothing, nothing without a woman or a girl*

Tanto tempo me afogando nas políticas educacionais, me levou a entender pormenores da dimensão política das nossas vidas, também, fora da universidade, visto que somos todos, em maior ou menor escala, sujos falando dos mal lavados, e olha, do que tem de sujeira, ainda é pouca que eu aponte.

Para lavar tanta roupa suja é preciso muita coisa, material e imaterial, mas a cadência das carências é constante e errática, não se pode estar prevenido.

Houve muitos golpes, sujos, e a água, infelizmente falta, **muuuuito**.

Angelina e **Severina** abrem suas casas para eu pegar o tanto d'água de banhar que tenho condições de estocar. Em um dia acaba a água. Para beber, carrego o galão d'água do Campo do Banco até a praça da Várzea. Grito pra **Inácia** até ela escutar e me atender. Ela tem problemas auditivos, usa um aparelho que não compensa o déficit.





- Cebruthius

Parece até, que déficit auditivo é uma *patologia cultural* aqui nas quebradas, muita gente liga seus aparelhos *cebruthius* num volume ensurdecador, poluição sonora intermitente, 24/7.

Para todo déficit que acomete as favelas existe um problema decorrente que faz com que a vida nelas seja pior. As privações estimulam a revolta, comportamentos catárticos de desopilação espirram desrespeito indistintamente em todos ao redor.

Por exemplo as igrejas evangélicas, que proibem as pessoas de viver suas respectivas sexualidades, e sufocam indivíduos que, inconformados com essa norma, por sua vez, *reagem* produzindo contracultura, musical, na estética da pornofonia, que é tocada em alto volume e fenomenologicamente, repercute em adultos e crianças, de forma a naturalizar códigos gestuais de performance que as

fazem suscetíveis a pedófilos e/ou incestuosos. Pastores e carolas se horrorizam e reprimem seus relativos ainda mais fervorosamente.

Essas informações foram diagramadas aqui por extenso texto que mesmo lavado e enxaguado com bastante "amaciante" gráfico, ainda carrega um encardido que nem mesmo o "*Cloro da Silibrina*" pode dissolver tal aspecto desagradável dessas verdades.

As menções nojentas e ofensivas feitas no meu trabalho são para não deixar de fora a escatologia que o bolsonarismo fez na educação como um todo – leia como educação não apenas a escolar e universitária mas também os produtos e valores culturais.

Essa masturbação mental sobre tudo que tem de podre no engomado dos ternos desses *fi dum naro* vai parar.

♪ *A mancha no tapete parecia mingau.*

Mas não era mingau.

Que que era pessoal?

Era suco de cacete, era suco de pau!

Já *bullí* variados dados até aqui para que seja bastante perceptível o fedor de ovo podre decorrente da ganância das pessoas nas várias esferas dos poderes públicos.

O ovo está caro, o gás está muito caro, o silêncio está muito além do meu orçamento, a água, que requer stamina para carregar, está longe e pesa um bocado, tanto a de beber quanto a de lavar.



*Bandejão de ovos, com 30 ovos, 14,99 a bandeja!
Economize comprando e compre economizando!*

POLUIÇÃO SONORA

Agora há pouco passou um dos quatro carros do ovo. Antes passou o carro do Lucas Gás, que concorre com outros três distribuidores, a RMC, Alemão e Ricardo. Também tem a evangélica das “delícias do milho”. Tem aquele que vende “rodo, vassoura e pá de lixo”, o da pizza brotinho, o boy da “empadinã”. Tem o vizinho do *flash back*, a vizinha do brega funk, da torcida do Sport, da rádio crente e da playlist de metal dos anos 1990 e o mais cabuloso: o ginásio da Secretaria de Educação, que é o local – a 10 metros da minha casa – onde ensaiam as bandas marciais da cidade e também, local permanente das competições das fanfarras militares do estado de Pernambuco.



Que Mestre Pastinha me perdoe, porque usei suas gravuras para associar as violências que vivenciamos – no processo de graduação, sob uma burocracia intransigente e excludente – à pressão da agressividade demasiada da capoeira contemporânea, que derivou da capoeira regional de Mestre Bimba.

Com o país em uma crise que eu nunca havia visto, só consegui superar os meus bloqueios resignificando as agressões em série que eu sofri e que eu presenciei.

As pessoas podem enganar por meio de uma estética legitimada, com o verniz do idôneo – com a velha justificativa de se ater às regras – mesmo quando essas prejudicam pessoas que já estão socialmente em prejuízo.

Esses são gestos que se parecem com *Mandinga*.

Mas a história das Capoeiras cantam e contam que sua manifestação se deu para perseverança frente a abusos.

As Capoeiras, na fundação, não foram jogadas para oprimir. Suas *Mandingas*, *Gingas*, *Esquivas* e *Defesas* sempre vieram como respostas às primeiras investidas de algozes, depois disto é que os contragolpes machucaram. Quando muito, em um jogo amigável de Capoeira Angola, alguém ameaça o primeiro golpe ou o lança devagarinho.

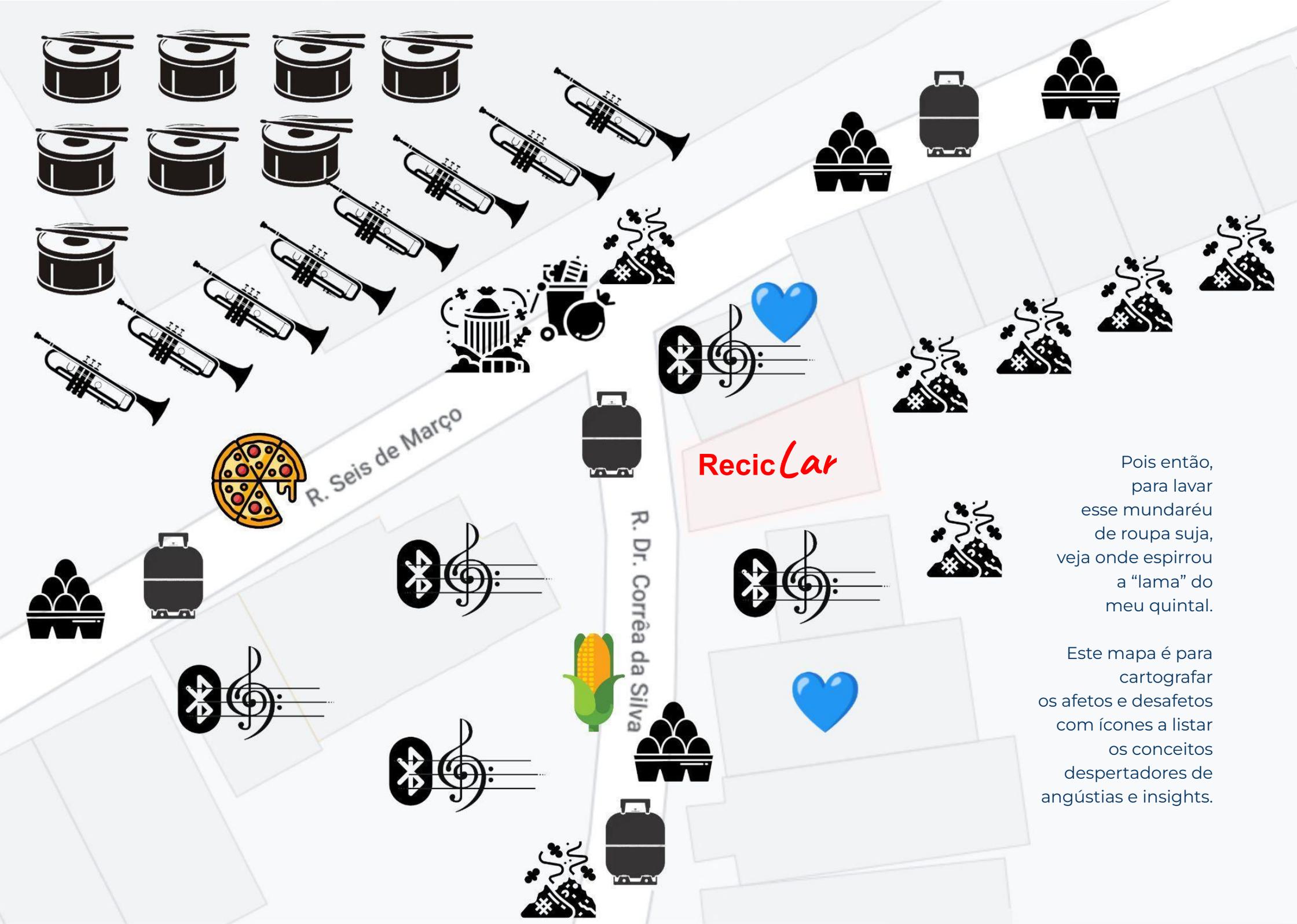
||| *Valha me Deus,
senhor São Bento*

...pequeno.

Isso é uma terapia, que devagar me regenera, como *Dom Quixote*, que depois de muito ler, sai a viver as “verdades decodificadas”, vertiginosamente. Um paranóico, num frenesi apaixonado, a subir às alturas do seu amor platônico.

Uma herança enorme de dívidas históricas que não poderão ser lavadas. *Mas tem muito amor líquido nessa Várzea do Capibaribe, bem aqui, na “lama do meu quintal”.*

LADAINHA - Gravura ilustrativa das sonoridades que atravessam os raciocínios alterando seu fluxo, vociferando interferências que calam os próprios pensamentos, que fazem janelas vibrarem, ofendem a concentração e impedem o sono.



R. Seis de Março

R. Dr. Corrêa da Silva

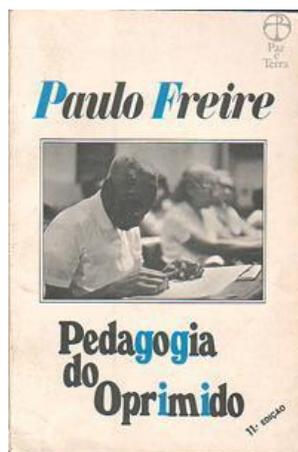
Reciclar

Pois então,
para lavar
esse mundaréu
de roupa suja,
veja onde espirrou
a "lama" do
meu quintal.

Este mapa é para
cartografar
os afetos e desafetos
com ícones a listar
os conceitos
despertadores de
angústias e insights.

Marquei o mapa com diversos símbolos que apontam as mais variadas expressões de falta de educação. Os ícones são como manchas de sujeira que servem para indicar “**incrustações**” culturais, onde músicas apelam às emoções das pessoas, para reafirmar que desejar doentamente algo é belo, é cultural e, uma enorme massa que sente, condicionadamente, de forma semelhante, não percebe “ruídos” que podem induzir a mesma a questionar as próprias compulsões e comportamentos.

Critico a favela depois de viver por muito tempo tudo que ela oferece. Mas faço distinção minuciosa da quantia absurda de direitos não atendidos e de que, na passagem do tempo, a naturalização dessas carências se converte em problemas atitudinais, vícios comportamentais que, romantizados pela compaixão aos desfavorecidos, são como merda borrifada com spray de tinta perfumada, produtos de arteterapia espontânea em pedestal de arte pop.



Pornofonia tocada em festas de crianças é um problema atitudinal comum por aqui; violência verbal e física, pública, como recurso “pedagógico” é outro; a criação de animais para venda e sua exploração desumana é mais um problema dentre muitos – os quais não vou listar na totalidade para não estigmatizar mais esse lugar que já enfrenta preconceitos demais.

"Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam."

Paulo Freire, **Pedagogia do Oprimido**
(Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987)
p. 12

Com a saúde mental em frangalhos, na completa desesperança da obtenção de suporte profissional, institucional, percebi nos



movimentos circulares da capoeira o poder dinâmico da mudança de perspectivas. Assim, assumi como uma performance

o ofício ensinado no meu curso e intuí que, dos gestos às vestes, um professor de artes visuais obtém recursos relacionais muito didáticos. Mais do que isso, do lixo material das ruas aos sonhos **sintetizados** de consumo das pessoas, tudo pode ter grande força pedagógica.

Temos um dispositivo subtilizado de reconhecimento de saberes empíricos **honoris causa** à disposição das faculdades, mas não temos um departamento sequer, ativo, nesta função. Considero bizarro a sociedade ter legitimado que somente uns poucos indivíduos têm direito e poder para ensinar em uns poucos prédios “**brutalistas**”.

*dados referenciais antecipados
erro contragolpe*



“Navegando” por essa comunidade varzeana por anos só encontrei o Mestre de Coco Zé Lasca Vara, reconhecido com a honraria que inequivocadamente poderia agradecer muitos outros Mestres e Mestras dessa grande região marginal que jazz, encarcerada do lado de fora das grades da CDU, padecendo ao som de um requiém de tercinas, tocado de uma pauta-grade capitalista de poluição sonora que faz a lavagem cerebral.

Sou residente de uma favela e um pesquisador dela, um cientista que percebe que produtos culturais podem ser simultaneamente bons e ruins. Aponto essa ambiguidade, sendo um favelado universitário, que ao produzir um TCC movido pela revolta, me empodero contra um sistema de negligência tão amplo. Mas isso me pesa na consciência, pois serei sentido como violento, possivelmente lido como se estivesse ofendendo as pessoas cujas artes políticas – de minha autoria – evidenciam os suplícios.

Por isso é muito importante que esteja super acessível o entendimento de que,



para cada dor que eu senti, cada momento de abandono, cada agressão, preconceito, etc, uma mulher, indígena, negra, trans, um negro, uma gay, estava sofrendo, de forma cumulativa, essas e mais outras violências, aqui, ali, lá e acolá, violências que eu não virei a conhecer.

Falo disso porque eu não vivo só, não cheguei até aqui sozinho, minhas amigas, amigos e amigues foram tudo para mim, foram elementares na minha formação.

Em grande medida, os repetidos relatos de estudantes, heterogêneos, também moradores de favelas, me conduziu pelos fundamentos políticos neste trabalho.

Somos centenas de Dom Quixotes e Sancho Panças, só aqui nas cercanias da Cidade Universitária, todes com maestria empírica para dirigir um instituto educativo relativo às suas expertises.

Will do Coco de Quinta, Dudu cantor e instrumentista de coco, Professor Pernã tocador de berimbau, Tank Professor de Capoeira, Abissal do Maracatu Real da Várzea, Vanessa e



todas as cantoras e instrumentistas do Flor de Mulungu, Befana, que é cantora de várias bandas – todos e todas com habilidades reconhecidas, mais que suficiente para serem financiadas enquanto instituições humanas de difusão de técnicas e historiografias artísticas regionais.

Eu acredito profundamente que as artes evidentemente políticas são expressões do amor em movimento, portanto, revolucionário.

O sambado com tamancos do Coco de roda, a bateria de Capoeira, a árvore genealógica dos estilos musicais marginais que se metamorfoseiam em Cavalo Marinho, em Maculelê, em Caboclinho, em Forró, em Cúmbia e tudo quanto for assemblage, que se faça necessária para produção de instrumentos musicais, indumentárias a imitar animais e as muitas dezenas de personagens da cosmologia da resistência periférica, que não desiste de ser feliz e transpirar a alegria.



Em 2016 o temeroso deu uma “**verdadeira rasteira**”. Um golpe judiciário articulado pelo vice, que imputou sobre Dilma um crime fiscal inexistente. Depois do Impeachment veio a Pec da Morte (241/55), só que nesse ano, nós estudantes já estávamos à par das consequências do estabelecimento de um teto de investimentos em saúde e educação.

OCUPAÇÃO!

Greve de professores e aulas não formais sobre políticas públicas para a educação formal.

Dentro das instituições educacionais, aulas alheias ao cronograma formal. Ocupações articuladas inicialmente por estudantes secundaristas, com adesão de estudantes universitários. Nós, estudantes, que somos uma classe política beta, sem força deliberativa, sustentamos uma resistência à *lawfare* do estado contra o pensamento crítico das novas gerações.

Enquanto os políticos alfa e portais hegemônicos de notícias cuidavam de abafar nossas ações e ignorar nossas

demandas, nós trouxemos para nossas aulas as pessoas das comunidades e mídias alternativas. Este movimento tanto ficou grande que começou a ser alvo de estratégias militares como uso de agentes infiltrados, que causavam depredação dos prédios e pequenos furtos dos recursos nas escolas e centros acadêmicos, a fim de jogar lama na idoneidade das nossas ações.

Assumimos os riscos de apanhar da PM e apanhamos de soldados do exército. Eles batem em estudantes e se deleitam em leite condensado, viagra e próteses penianas superfaturadas.

Mas a sociedade rotula **justo** os estudantes, como vagabundos, drogados e depravados. Inversão planejada de méritos.



Mapa CAC Desvendado – Canetinhas hidrocor, grafite e papel



Bruffa – Aquarela e papel

Enfrentamos os adversários da educação emancipadora, que sempre estiveram empossados dos recursos do estado, que por toda a história chafurdam nas ricas e ensanguentadas estruturas de gestão pública.

Os inimigos são os “moinhos” que **ultraprocessam** as **monoculturas agro**tóxicas nas quais nós, em complacência ao sistema hegemônico de valores, nos lambuzamos e nos agradamos, sadomasoquisticamente, da imundice dos outros, como narcisos a contemplar espelhos, absortos da feiura das nossas vaidades.

Por isso achei tão belos os ensinamentos implícitos no romance incrivelmente ácido de Dom Quixote de La Mancha. Em Estudos da Performance compreendi que me fazer um **bufão**, assim como o fidalgo descrito por Saavedra, poderia me tornar uma expressão potencializada de contracultura visual.

Entendo que a educação visual é feita cotidianamente, em todos os lugares, por todas as pessoas, de forma reacionária, através da hegemonia estética visual dos símbolos mais apresentados e mais vistos, mas essa educação não precisa e nem pode mais ser exclusivamente assim.

Ora, tantos homens de bem, pegos em flagrantes atos machistas, atos misóginos e homofóbicos, prevaricando as instituições que cuidariam do bem comum. Tanta pele branquinha, evidente na cara de pau cuja barba está aparada perfeitamente, não foi suficiente para entendermos amplamente que as aparências enganam?

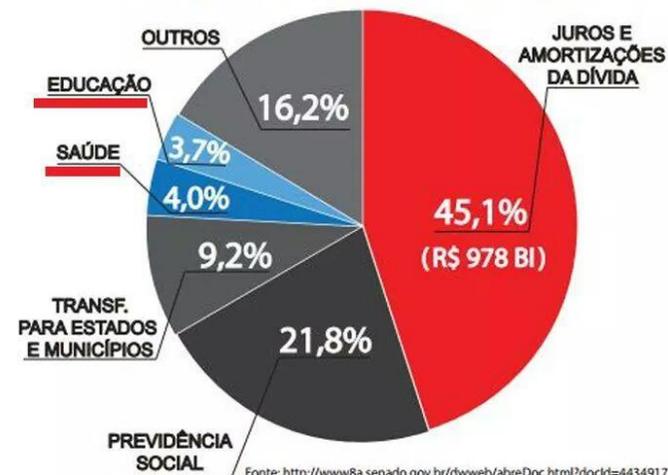
Sérgio Camargo, **homen negro**, presidindo a Fundação Cultural Palmares com deliberações políticas de Capitão do

Mato. Damares Alves, sequestradora de menina indígena, sendo ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Milhares de militares ocupando cargos políticos e recebendo recursos indevidos da União, articulando com a Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal ações para anistiar garimpeiros, desmatadores, traficantes e assassinos, planejando e realizando ações para sabotar as eleições de 2022.

PEC 241

QUEREM QUE VOCÊ ACREDITE QUE É PRECISO CORTAR DA SAÚDE E EDUCAÇÃO

Orçamento Geral da União de 2014 - Executado (R\$ 2,168 Trilhões)



Não, todos esses símbolos arquetípicos, com atributos visuais conjunturais contraditórios, ainda não foram suficientes para explicitar o fato de que um homem branco ou negro de barba feita, com corte de cabelo estilo milico, vestindo terno ou farda, ainda que seja um indivíduo economicamente bem sucedido, respaldado pela lei, em muitos casos é, também, um indivíduo fracassado eticamente na intimidade.

Ironicamente, eu fui colocado do outro lado dessa moeda. Quem não me conhece e apenas me vê de passagem, certamente considera, ao avaliar minha aparência, se tratar de um morador de rua.

Só tenho roupas muito velhas, manchadas e com furos. Algumas são preservadas desde a minha adolescência. Estou com 40 anos de idade e tenho só uma muda de roupa formal sem danos.

8 Ri, ri, mas não desacredita não

Estive constantemente sem dinheiro para comprar roupas novas. Meu sapato está com a sola descolada, não tenho dinheiro pra levar ao sapateiro. Nem para cortar o cabelo e fazer a barba eu tenho, faço eu mesmo.

Desde a coligação do governo federal com o MDB, em 2015, os reajustes das bolsas de assistência estudantil foram para menos, cada vez menos, até que cortaram minha bolsa de vez, sem aviso, no início de 2022.

Pois é, Dom Quixote parecia certo e errado ao mesmo tempo. Concordo que, como ele, precisamos sair das nossas “cavernas de Platão” e enfrentar, corpo a corpo, as gigantes moendas. Também acho que as “armaduras” e “lanças” podem ser as mais fajutas, pois acredito que o que melhor defende e o que mais fere são argumentos científicos revisados, contextualizados, porque esses não podem ser parados por oratórias sujas. Argumentos científicos se



sustentam nos debates certos, frente a oratórias distorcidas com finalidade de usurpar, são o raio da cilibrina.

Dom Quixote aponta problemas notáveis mas luta a esmo contra qualquer um que cruze seu caminho, numa transferência esquizofrênica de responsabilidade.

Os poderes públicos estão podres, mas essa carcaça fedorenta é irresistível a esses sabujos brancos, carneiros. Esta figura de linguagem ilustra o retumbante fracasso do contingente majoritário de homens, ao longo da história, nos parlamentos, senados, reitorias, prefeituras, governos estaduais e nas presidências prometendo o fim da corrupção.

Sugiro então aos machos que larguem o osso, vão lavar sete anos de roupas na mão.

É simples e não é muito difícil, mas é trabalhoso e demorado. Coloca-se o que te cobre – por exemplo uma carapuça suja – de molho em um dos baldes ou bacias que comporte a peça. A cada 10 minutos você se **acocóra** frente ao recipiente e **amolega** os farrapos que mal cobrem suas vergonhas. Repita essa ação se a trama dos seus rotos valores permaneceu tempo demais com algum encardido, para que o grude se solte das vestes, aí então podes tapar o ralo do tanque e despejar o conteúdo dentro. A depender do tipo de nojeira pode-se valer do “**Cloro da Silibrina**” que é bem solvente e vai potencializar a limpeza que se obtém

ao esfregar a face suja do pano de bunda nos frisos abaulados do tanque. Destape o ralo, deixe a água de sabão suja escoar, dê uma torcida na peça do look e entorne o balde com água limpa no tanque para enxaguar sua roupagem. **Amolegue**



mais um tanto, torça de novo e pronto, é só pendurar a peça no varal bem esticada, que depois de seca, poderá dobrar e guardar sem precisar passar esse pano.

Porque, a representação prioritária de anseios, deve ser para suprir direitos de paz para as mulheres, as LGBTQIAPN+, os povos negros, os povos indígenas e as comunidades periféricas. Representação para garantir alimentação, moradia, saúde, educação, lazer e trabalho.

Mas o adestramento marcial individualista que fundamenta nossa cultura ocidental genérica tem sido a derrota da nossa espécie, por ser cultura hegemônica também na produção e veiculação de símbolos.

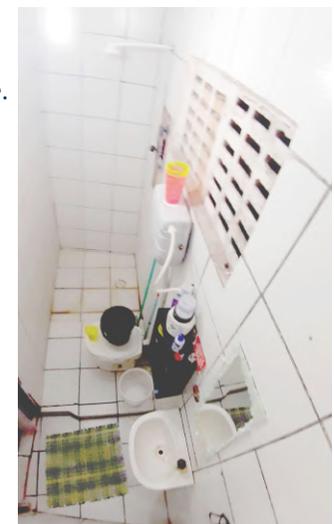
Com tudo isso, a merda que eu jogo no ventilador é que não merecemos a denominação de



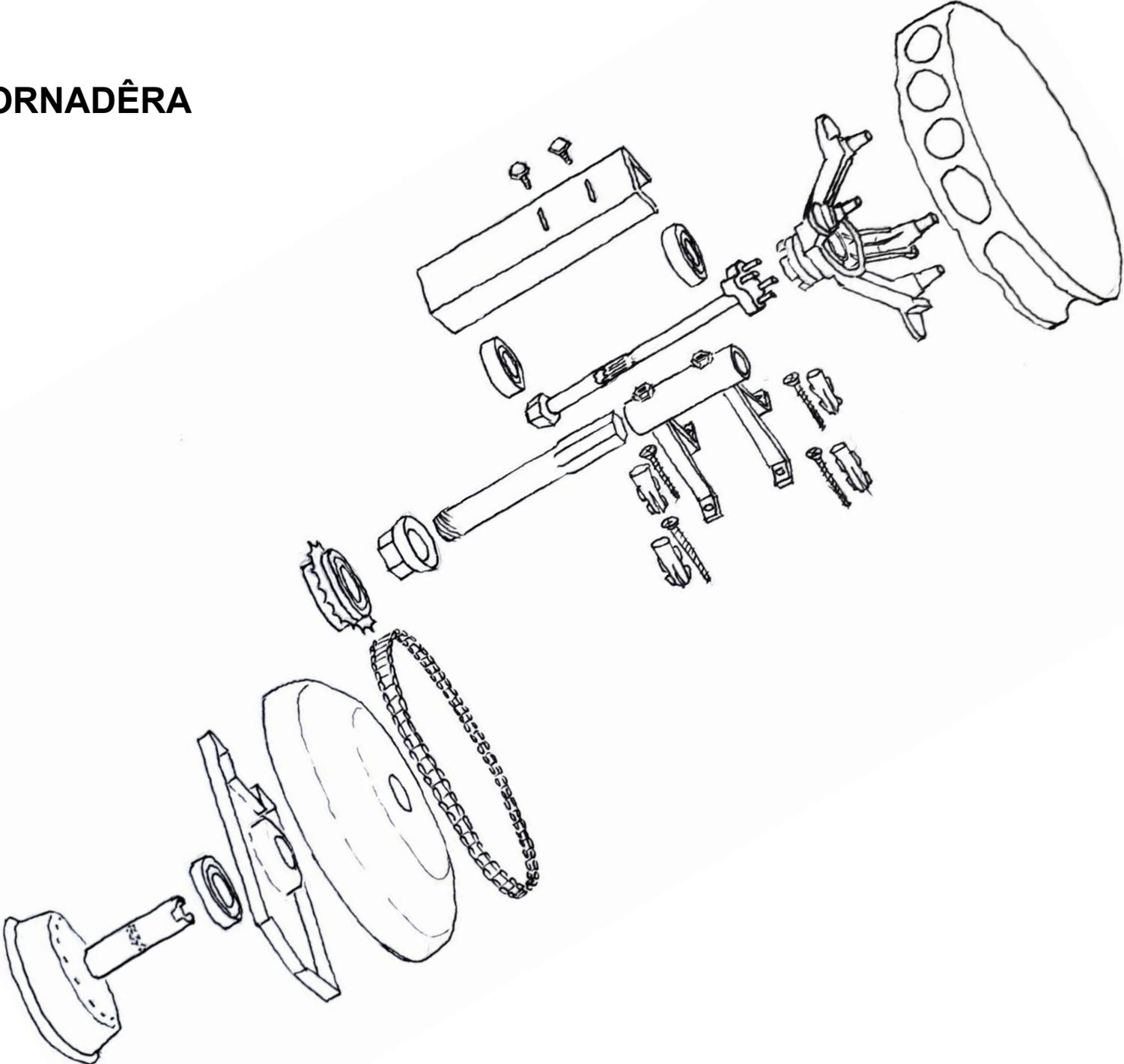
espécie humana, pois a convivência com tamanhas injustiças, nos qualifica com muita precisão como a **desumanidade**. Tá muito sujo, tá fedendo demais, não dá mais pra disfarçar as muitas bostas pop art educando enquanto entretém.

Nos ventres das Lavadeiras Matrioskas fomos gerados e chegamos no mundo, que mais parece o quarto de um adolescente burguês antes da assessora do lar fazer sua “**mágica**”.

Mas não é porque não podemos escolher o começo de nossas histórias, que estamos fadados ao mesmo recorrente fim. Não obstante, ainda temos que lavar as louças com canecas d'água e depois tomar **banho de cuia** e isso demora, então começemos bem cedinho que já tá tarde.



ENTORNADÊRA



Gritamos que não haveria golpe, mas teve, foi um combo. A cinética das deliberações políticas sobre nós foi vertiginosa, no campo das ações, foi paralisante, nos emudeceu.

Mas a gente sabe ler mais que palavras, sabemos ler gestos sutis, pequenos espasmos, semblantes, também nos comunicamos por expressões faciais, houve algum tipo de diálogo.

Fizeram diminuição dos repasses financeiros, a cada nova geração, menor o valor repassado, menor o número de colegas de *baixa renda* na UFPE.

Mas atenção, a dignidade de cada um e cada uma que permanece precisa ser assegurada!

Desde a diáspora, de forma específica aqui no nordeste, ficamos momentos longos demais rentes ao piso da dignidade.

Mas vindo de onde viemos, nós, os e as *empobrecidos*, já conhecíamos formas de nos proteger e afrontar.

Aqui no Brasil chegaram pessoas sequestradas de diversas nações africanas. Foram capturadas pessoas de muitas etnias indígenas, milhões, o genocídio e o etnicídio aqui, neste país, não permite listar todas as danças e lutas que culminaram na Capoeira.

N'golo é uma das lutas-matriz da Capoeira, é um ritual de passagem praticado ao sul de Angola, pela tribo Mucope, da nação Bantu. Lá era uma disputa festiva para celebrar com essa *Dança da Zebra* a possibilidade de “casamentos”.

Para seduzir, os homens se punham a lutar dançando afrontosamente e se



exibindo para suas pretendidas companheiras. Talvez fossem rejeitados apesar da boa performance.

Houve também o *Batuque*, disputa de golpes de joelho dos quais não se esquiva, praticada por Maria Martinha do Bonfim e Luiz Cândido Machado, mãe e pai de Mestre Bimba da Bahia, este que foi o formalizador da *Luta Regional Baiana*, a famosa *Capoeira Regional*.

Esta é essencialmente uma luta rápida, ela abdica muito do artifício da *mandinga* e da *esquiva* por treinar a musculatura para defesa e aumentar assim a resistência a contusões, ainda que recorrentemente recebendo golpes.

A lida daqueles que precederam Mestre Bimba, parece ter sido elevar aos céus a agressividade desta expressão enquanto luta, apresentando uma supremacia marcial frente a *todas* as outras artes marciais, cujos respectivos praticantes ousaram pôr a prova – contra os capoeiristas dessa estética *regional*.



A *Capoeira Regional* tornou-se popular e digna de orgulho, foi cultura proveniente dessa classe social que era,

antes dela, muito mais alvo de desdém e difamação, mas que à partir da apropriação cultural desta arte pelos brancos, pelos militares, pelos indivíduos violentos, ecoou pelo mundo e trouxe um pouco de respeito também aos negros.

Para muitas e diferentes situações dos marginalizados, muitas e diferentes Capoeiras, dentro destas, diferentes estilos de jogo, de luta.

Como diz Mestre Pastinha: “A Capoeira é *mandinga*, é manha, é malícia, é tudo que a boca come”, seu discípulo Mestre Boca Rica acrescenta: “Tudo que encaixa na Capoeira é tudo que a boca

come” e Mestre João Grande, também discípulo de Pastinha, completa: “Tudo que a boca come sai da natureza. Nosso alimento, nossa água”.

A Capoeira é, numa perspectiva, uma *assemblage* de todos os artifícios que pudessem ser camuflados pela suas *gingas*, *esquivas* e *mandingas*, e que pudessem compensar afrontas de forças desproporcionais.

O fato é que o homem branco, suas armas de projéteis e pólvora, se consolidam como ameaça comum. Também houve pretos com o dedo no gatilho, bem como algum capoeira, feito Major Nunes Vidigal, prejudicando outros capoeiras, pressionando esses saberes marciais e performáticos além do senso de pertencimento. Num contexto de inerentes subjugados, esses saberes multiétnicos adaptáveis foram os dínamos desta “assemblage” performática de autopreservação, de muitos que evitaram morrer por bala “encontrada”, matando com bala “perdida”.



*Avistei o
Vidigal, cai
no lodo, se eu
não fosse ligeiro, me sujava
todo.*

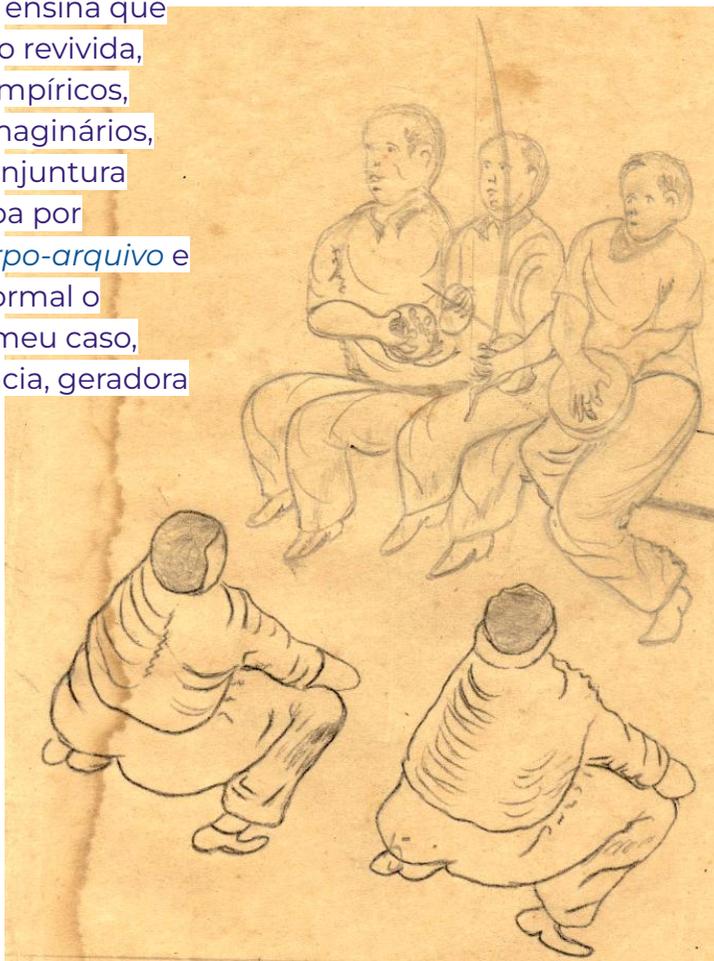
♫... do alto a fila de soldados, quase todos pretos, dando porrada na nuca de malandros pretos...

A *Esquiva Lateral* é uma reação que depende da ação ofensiva para acontecer, porque ela acontece em antecipação à iminência de um choque. O capoeirista, percebendo o golpe se aproximando, ele que tem consciência de classe, que tem o olhar treinado, que compreende a conjuntura em que se encontra, terá um bom reflexo.



Ao longo dos últimos séculos, aquilombados marginalizados se valeram da *reagência* desta performance de celebração, *reenactment* desta dança ancestral feita de muitas danças ancestrais, mas enquanto artifício atitudinal, dialético à ação de agressão, para contornar o contato nocivo, quando começada mais uma inevitável peleja.

Roberta Ramos na disciplina de estudos da performance ensina que *reagência* é uma atuação *revivida*, que faz uso de saberes empíricos, arquivados nos nossos imaginários, adaptados para nossa conjuntura imediata única, que acaba por acrescentar no nosso *corpo-arquivo* e expandir de modo não formal o arquivo universal, neste meu caso, dessa atitude de resistência, geradora desses novos dados do ensaio para ser professor em que assimilo a miséria como marco zero da minha práxis profissional.



Aqui eu falo da minha capoeira, neste texto está a minha *ladainha*. Este que é um substantivo feminino, e sua etimologia se constitui tanto de um valor sagrado como de um valor de sofrência persistente não superada. A exposição de fatos da minha intimidade relativos ao curso, para acesso à conjuntura dos atrasos e das faltas de comunicação.

Tanta frustração só não se tornou trauma ainda porque o olhar que direciono pra minha vivência parte de uma assimilação do que eu estudei no curso de Artes Visuais.

Tantos percalços, eu ressignifico como um *happening* performático de um derrotado sem brio que, desavergonhado, *só* faço justificar *fracassos sem progresso* significativa, enquanto esmolo mais um intervalo da coça que venho levando por quase uma década enquanto *ajunto* valores da comunidade, numa estrutura pedagógica não formal de auto defesa sustentável.

Ações com gestos contínuos, ritmados nos pulsos do possível dentro do próximo instante.

Neste *presente* momento, todo *o*corrido barro adentro revirou, marcou e definiu o centro do barro, atrito que queima até a fusão com sentimentos em imolação de temperar retroalimento de presentear.

Pois luta parece ser a base medíocre das relações de disputa por poder, desde muito antes dos muitos filtros ideológicos até hoje. Mesmo depois de debatidas todas essas filosofias populares aplicadas, não por todos, não em todos os lugares, mas em escala ampla suficiente para justificar, em consenso supra formal, a necessidade de mudanças urgentes.

Não obstante, a agressão ainda é o método recorrente mais espontâneo, certamente por causa da possibilidade pragmática de camuflagem do ato, da abstração das consequências que a dinâmica emocional impõe e o positivismo do ágil desfecho, além do fato de que a violência deixa marcas duradouras, o terror condiciona concessões e indeferimentos.



Assim, o “jogo” não para, as “marretadas” vêm e a gente se prostra, mas, com a *esquiva* adequada à agressão que foi, em muitos momentos, dirigida, não à gente, mas à suportes adjacentes.

Em cima, no entorno, embaixo, um choque, um empurrão, se aproveitado, uma impulsão e pro outro lado então consagrado.



Imagine um *Rabo de Arraia*, uma giratória que projeta o calcanhar, ameaçando pelos flancos, um giro que parece o de um compasso, que parece um tiro de canhão,

... *cai, cai, cai, cai,*
capoeira balança mas não cai.

Não cai, se dobra para o lado, na mesma direção de destino do calcanhar, o vetor deste ataque é amplo, mas a *Esquiva Baixa*, de tão rente ao chão, acaba evitando o “projétil” e o/a capoeirista se esgueira, *arrudêa* pelo canto da visão, entra no canavial, logo depois de tomar um *baculejo*, foge pela capoeira e se aquilomba.



A capoeira é também um tipo de vegetação rasteira, cresce no lugar onde a mata virgem foi derrubada, é uma clareira na mata, nestas clareiras quilombos, comunidades de resistência aos terrorismos das regras escravocratas de exploração. Seus povos são uma diminuta parte de todas e todos que foram sequestrados ou nascidos cativos mas que escaparam, pessoas exploradas em justificativa a dogmas culturais patológicos.

A favela é o substantivo popular que se refere a conjuntos de moradias precárias, periféricas, mas favela é também uma *planta alimentícia não convencional*, processada se converte numa farinha bastante proteica. Mas enquanto lar as favelas deixam bastante a desejar, as prefeituras não as legitima como infraestrutura credora de saneamento básico, de suplemento hídrico, com boa arquitetura de caçadas para mobilidade urbana de transeuntes.

A “segurança” pública passa nas ruas e sua mera presença simboliza ameaça terrorista secular.

Quase sempre temos este artifício de se fazer de “morto” para evitar maiores prejuízos. Nos conformamos com bem pouco, porque ter consciência de direitos e demandá-los, em geral acaba em represália violenta.

Ao longo da história, negros e negras, para meramente continuar respirando, com fome, sede e doentes, deram o suor e o sangue nos cafezais, canaviais, garimpos, até em uma e outra guerra, promovida por caras pálidas.



Por arbitrariedade negros morreram por balas brasileiras, balas paraguaias, uruguaias, etc.

Quem foi “feliz” de se esquivar da morte, voltou para sua “pátria” sem direito algum. Caçados pelos agentes da “segurança” pública, escapam, com esquivas da capoeira, pela capoeira. Com algum contra golpe de capoeira, o capoeira avança. Cortam pés de favela, moem e torram a favela, comem farinha de favela na favela pra poder sobreviver.

Ultraprocessamos nas indústrias oportunas, tudo que for lucrativo e massivamente consumível por nós, sem consciência, portanto sem medo de derreter em hipertensão, ansiedade, paranóia, depressão, câncer, cirrose, diabetes, AVC, etc.

Sim, nos colocam em linhas de produção industrial de revisão bibliográfica de seletos e privilegiados autores. Docentes fazem a curadoria, discentes “percorrem esta exposição”, não há tempo para melhorias na “expografia”, no recesso entre períodos não há tempo hábil de reformulação do Projeto Político Pedagógico.

Pois o volume de encargos das nossas professoras e professores é no mínimo uma agressão, cuja revolta é silenciada por nenhuma opção alternativa de trabalho equivalente, salários atraentes o suficiente e seguridade trabalhista.

Esse trabalho de conclusão de curso, além de me propiciar saúde espiritual, pois é um desabafo, também aponta os percalços pra quem me segue, logo atrás, na mesma trilha, nas condições precárias que ainda persistem.

Eu danço, dou chutes no ar, canto sozinho, lamento sem testemunhas e protesto em vão, só pra não deixar o direito de resistir às injustiças padecer sem luta.

É uma peleja para eu desencanar da busca por justiça, porque esse mundo não precisa de mais um “herói”, porque acredito mesmo é num método de perseverança que não superdimensiona a vilania e compartilha métodos palpáveis de resolução de problemas.

É preciso virar os regimentos dos avessos, entornar o caldo.

*Vou dizer ao meu
senhor que manteiga
derramou*

Mudar a perspectiva, dançar ao invés de lutar, cantar ao invés de palestrar, tocar um berimbau ao invés de tocar o terror.

A capoeira me mostrou, pelos gestos, idéias que poderiam me ajudar a ressignificar minha postura mental.

Porque antes eu fui muito valorizado por compor uma resistência bastante distinta, e que foi bastante eficiente em retardar o sucateamento da assistência estudantil.

Mas com o passar dos anos, conforme a agenda de diminuição das bolsas para manutenção acadêmica, estabeleceu, abaixo do limiar do mínimo, o repasse dos recursos pra gente se manter, eu vi que eu e meus colegas nunca tivemos a menor chance.

Tempo e espaço foi algo que nunca estive ao nosso dispor.

Depois de sermos derrotados, todos, em escala nacional, depois que teto, comida, saúde, libido, liberdade de ir e vir, já não se faziam acessíveis, eram apenas anseios constantemente sob risco de perda ou, que perdidos já estavam, o'que fica?

Depois da perda dos direitos humanos, que tipo de resistência seria possível?

Pessoas privilegiadas por terem cooperado com o plano que empurrou mais de 30 milhões de pessoas de volta para a pobreza, vivem bem, anistiadas, não investigadas, portanto não responsabilizadas, acima da lei, vitoriosas.

Nós, que não somos mais eficientes na peleja contra nossos algozes, somos baixa de guerra, esquecidos como perdedores lamentáveis, mas descomenta.

A Capoeira Angola como imenso conjunto de valores ideológicos, aponta que a vaidade é indício de fraqueza, e a minha era a pobreza e seus estigmas.

O ponto de mutação foi passar a me ver como um capoeirista na esfera política do que toca minha licenciatura que é colaborativa, e não mais como um pedinte universitário.

Eu aceito que não haverá uma saída justa, não receberei nenhuma compensação

retroativa, na verdade, sem nada disso, eu ainda preciso ser super ágil, agora, que o gás acabou, que a comida que eu deixei pronta só dura mais um par de dias.

Fiz publicações nas redes sociais sobre essa situação emergencial, mas o algoritmo desses portais de relacionamento virtual são definidos para não repercutir publicações impopulares, ou histórias baixo astral, que diminua o entusiasmo que levará pessoas ao consumismo, para, ao invés disso, direcionar seu dinheiro para assistência social.

Minha irmã mais velha, Kal, que se graduou em serviço social, me contou com muitos detalhes o que é a vida de uma pessoa miserável.

Conversas e conversas que, como um *corrido* feito de muitas *quadras*, se fazem cantigas que não me deixam confundir que ainda me resta muito, estou longe de ter perdido tudo, continuo muito pobre mas ainda não estou na miséria.

Minha *vóinha* e meu *vôinho*, nordestinos, cuja vida eu quase desconheço, através de *mainha*, me passaram saberes ancestrais, que servem hoje como estratégia de aproveitamento máximo de recursos, que como eu pude testemunhar, em muitas regiões feitas miseráveis de pernambuco, desperdício não tem anistia.

Como representante no movimento de Moradores de Casas de Estudantes da UFPE participei de congressos nos quais apresentaram relatos de desassistência estudantil muito mais graves do que essa que eu relato.

E, sobre admitir a parte que me cabe nesse latifúndio, uma vez que não há acessível informações específicas de trajetórias como as nossas, milhares que só produzem commodities ABNT, fiz questão de viver de ração humana para conseguir me sustentar até o momento em que eu contra ataco uma única vez.

Mas esse espasmo de coragem intenta com um sorriso alegre genuíno, ensanguentado, expor a beleza de feridas abertas tanto para quem as provocou quanto para quem as evita.

A ação entornadeira dos restos de energia, que aproveitando o impulso de muitos pés na bunda, é análoga à dinâmica dos jogos de capoeira, que por risco de ferimentos muito graves me compelem a abstrair do passado de maldições e dar um passo, sambado, para um espaço não ocupado onde eu possa encher os pulmões de ar, rarefeito, combustível do próximo giro da vida por urgência.

Uma *reagência*, que é um termo que formalmente nem existe mas que projeta, em português, o conceito por trás de *reenactment*: ser, de novo, o agente de um evento passado.

E são as gravuras de movimentos de capoeira, feitas por *Mestre Pastinha*, na minha zine, que ilustram junto do marrom *chapéu de couro*, os movimentos de agressão que escolhi **carinhosamente** gravar nos vossos imaginários, como corporificações simbólicas de ataques, ou contra ataques, feitos contra nós, milhares de estudantes desprevenidos logo que botamos um pé dentro das UFs.

Com isso, considerem esse trabalho uma listagem de perigos alertados, e, a minha *capoeira desmantelada* pelo meio das inumeráveis contingências que vieram pela direita, pela esquerda, ameaçando por baixo mas vindo por cima, emendando uma no meio e se saindo.

Que essas idéias possam ser conceitos despertadores de criatividade para lidar com adversidades que serão insurgência na sua paz.

Como na minha, em que os cupins que fazem uma colônia com formato de cachorro nos fundos do meu armário de mantimentos, e essa silhueta me remeteu à raposa da bocarra, na gravura que aprendi de *Ana Lisboa*.

Giros e avessos da *entornância* da argila, que pruma *quartinha* d'água, pra cuscuzeira de cerâmica, na *atriz negra* de *caulim* em explosão ou no envolver o aço da espada de *Ogum*, revolvem uma justiça possível,

limitada pela lei física da hidratação, demonstrada *in loco* por *Suely Cisneiros* na lendária lama que até *Chico Science*, *mangueboy* foi.

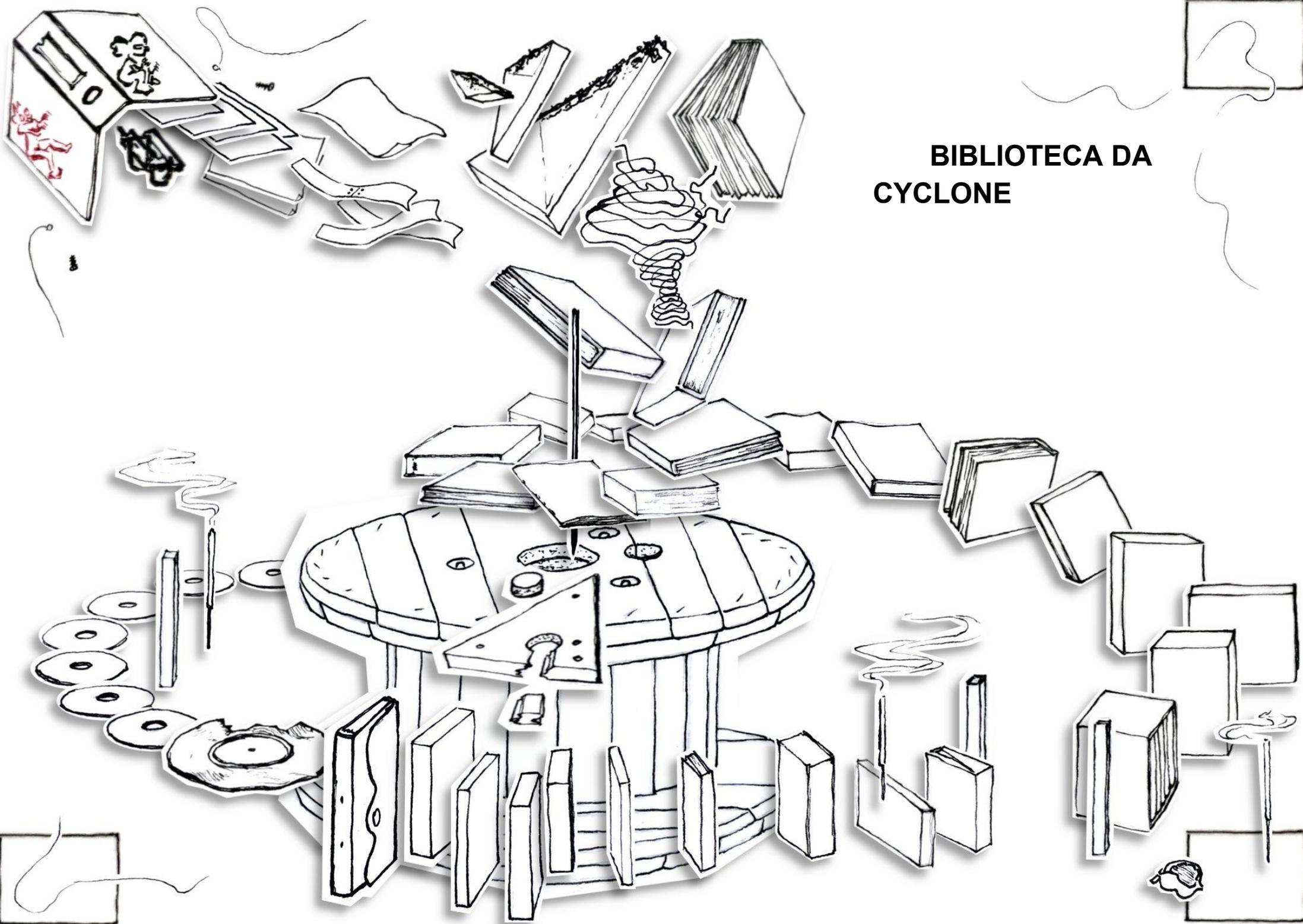
Leyllyane discute *luzes vermelhas de alertas de erros* como ciclos de privações erráticas que, se percebidos como *errância*, rico *raio da silibrina* do diamante que nos *alumia*.

Enfim, toda a arte ambiental não ouvida, cantada por *Annaline*, contada por *Madalena* com

eloquência historiográfica *musical*, neste texto clássico de floreio auto etnográfico, que bem salientado por *Gustavo*, distrai do contragolpe, que é meramente difundir o poder de identificar o paradoxo de que em um há muitos e o acerto é erro, se plantar bananeira e olhar de *esgueio* pras figuras. Preciosos *arrudeios* pelas artes expostas para auto educação, *aguadas* de colas fortuitas na arquitetura política quadridimensional tracejada dos ditos e não ditos *afetos pedagógicos*:



**BIBLIOTECA DA
CYCLONE**



Terminando o curso, me ponho a recapitular a essência de toda minha pesquisa, é um arcabouço de conceitos acumulados durante +d sete anos. Aqui, me esforço para organizar as intersecções pertinentes desses conceitos, na pretensão de evidenciar a que me refiro articulando autoras e autores que tive por referência durante o tempo da minha graduação.

A revolução mental que minha residência propiciou é muito grande, e como fiz a escolha de obter o melhor que esta oportunidade possa me garantir, ingressado numa “usina” de saberes, “destilei” nestas páginas só uma pequena fração de tudo que me importa do imenso Currículo Oculto formalmente considerado até o presente momento.

Acocorado, quando boto a mão nos livros que me servem de referência, eu virtualmente, posso ir pra todas as direções, mas a cadência dos acontecimentos está ditando o fluxo do discurso, é uma espiral de reflexões que tem em seu curso, uma data para pôr um ponto final nestes argumentos de pesquisa.

Associando muitas partes díspares, esta peça de arte, no entanto, projeta somente um membro, feito um apêndice articulado, que é a vídeo performance, fixado a este corpo formal e compacto, constituído de muitos órgãos conceituais. Infelizmente e felizmente, sustentado pelas “colas” mais fortuitas que pude encontrar.

O meu recitar desta *ladainha* adaptada, é pensado para evocar o fundamento da oralidade enquanto recurso de saber formal contra hegemônico. A cadência dos toques da *bateria* acrescentam movimento aos conceitos despertadores ditos, que assim unidos, dinamizam meu jogo gingado, mandingado, esquivo e afrontoso também.

Os estudos fenomenológicos das musicalidades, já confirmam as múltiplas e diretas influências no corpo emocional das pessoas. Quando canções são captadas e apreendidas pelo sentido auditivo, o imaginário respectivo de cada indivíduo, resgata do passado o corpo de uma emoção específica. Diferente da interpretação de palavras e conceitos, que primeiro fazem uma ponte de

decodificação para depois evocar a emoção inerente ao estímulo.

Então, sob sentimentos de bem humorada resiliência, eu lhes apresento a escola comunitária de artes visuais sustentável. Um espaço pedagógico irônico, que existe por falta de opção e também como a melhor opção para um professor licenciado **miserável**.

Nascida da revolta da atitude de exploração da fé e da força de trabalho de adolescentes que, com cerca de dez anos de idade, foram capazes de fazer esboços de projetos de brinquedos, mobílias e até casas, e depois, construíram miniaturas em madeira desses projetos, só para à seguir ter as irmãs, administradoras do orfanato, a vender seus trabalhos em evento, tendo omitido esse fato de nós, que fomos professor e monitor deste projeto.

Aparecemos de surpresa e a meninada nos recepciona com inquérito sobre essa expropriação dos seus trabalhos, quando isso era contrário ao nosso acordo avaliativo de que, as notas de reconhecimento de méritos e as premiações seriam justamente os objetos

♪ *Acende um incenso cheiroso, que é pra limpar o ambiente!*

artísticos que as freiras venderam arbitrariamente.

Universidades também são infraestruturas de práxis industrial, especialmente e desproporcionalmente nas deliberações administrativas.

Esse trabalho é a expressão do meu máximo esforço em apresentar de forma bem humorada o design de interiores, que custou caro demais. Ironicamente o caro deste layout foi tudo menos o preço em moeda corrente.

Investi sete anos de saúde, sete anos de criatividade, sete anos de

centavos de sobras, sete anos de lixo reciclado, sete anos de esperança, sete dias da semana multiplicado por sete suspensões injustas.

Desejando por tanto tempo dignidade para pesquisar, arquitetei, eu mesmo, um lar que supre tanto as necessidades de aconchego quanto as necessidades em déficit do Depto de Artes Visuais.

Desejando, ainda nesse momento histórico em que a burguesia e a neoaristocracia, numa histeria ridícula, mobiliza tudo ao seu alcance para alargar o abismo de direitos entre eles e as

massas que eles exploram para manutenção de suas riquezas ensanguentadas.

Até aqui eu coloquei alguns elementos na intenção de promover uma reflexão no seu imaginário com maior riqueza de fatores criteriosos e assim, por alteridade, que você consiga perceber que quando eu caí no chão foi por ter recebido o “golpe”, enquanto estava distraído, pensando que eu é quem tinha despistado os burocratas anti-pobres, que me taxaram como alguém que recebeu demais.

Show Room



Da desilusão de ser traído no compromisso assumido pela instituição estatal, que fora rankeada umas das melhores assistências estudantis do Brasil, em 2014, pelo Guia do Estudante, portal de informações sobre educação que me deu segurança de escolher a UFPE para estudar, ter caído na realidade dos administradores mecanicistas, que convertem **tudo** em número, “lógico”, números não tem identidade e se as *personas*, que dão corpo a estes números não forem vistas, não tocarão os corações frígidos desses tecnocratas.

Exclusão digital resolve para esses o problema que nossa presença lembra que existe, aqui e em outra UFs.

Longe dos olhos, longe do coração.

Em maio de 2023 completam-se 12 meses sem que eu possa comprar carnes de nenhum tipo, nem suco, nem cerveja ou refrigerante, nem frutas ou a maioria das hortaliças, nada que seja

integral, nada que tenha qualquer semelhança com bolos e sobremesas.

Pelo tempo que recebemos as bolsas de $\frac{3}{4}$ de salário mínimo, tivemos o suficiente, apenas, para pagar as contas fixas e comprar a “ração” nutricionalmente indispensável.

Depois de terem tomado minha bolsa, nem a “ração” deu pra comprar.

Mas o povo nordestino, dentro de suas limitações, de vez em quando me presenteou com iguarias especialmente reconfortantes.

De fato, minha graduação foi uma experiência esquizofrênica, onde eu pude conhecer um universo novo de valores e expressões que não imaginava existir, mas que só chegava para mim como mostruário em vitrine. “Amor platônico” define bem o sentimento genérico da minha residência acadêmica.

Como se todos os meus direitos, longe do meu alcance, dessem um passo ao mesmo tempo e no mesmo rumo que eu, continuando sempre longe o suficiente, sem me contemplar.

Me sinto intelectualmente bem amadurecido, me sinto bem capaz, mas emocionalmente estive incapacitado. Quero sair da sociedade que, vivendo comigo, não consegue perceber que eu sou uma antítese do 1% psicopata e megalomaniaco, avarentos do sucesso, repudio esse positivismo e isso é uma coisa boa.

O Estado admitiu sequências de golpes, e cada repartição pública cumpriu seu papel e manobrou recursos burocráticos para viabilizar a execução de cada golpe local.

Como um dos representantes dos moradores de Casas de Estudantes da UFPE, participei presencialmente do Pré-Encontro e do 41° Encontro Nacional

de Casas de Estudantes, respectivamente em Belo Horizonte e Brasília.

Nessas ocasiões tomei conhecimento da disparidade de oportunidades de manutenção acadêmica nas diversas Universidades Federais. Enquanto o Restaurante Universitário da UNB é maravilhoso, a Casa de Estudantes parece que saiu de uma revista de design de interiores, aqui na UFPE tivemos de pegar comida do lixo do Ceasa, e $\frac{3}{4}$ dos estudantes inscritos no edital para moradia estudantil só pode alugar casa nas favelas ao redor da Cidade Universitária.

Essas discrepâncias se repetem de formas variadas pelo universo acadêmico das UFs no Brasil afora.

Nesses encontros fizemos muitas assembleias para debater problemas e compartilhar soluções que foram frutos de ações criativas e, em via de regra, as soluções eram obtidas com investimento de verbas e recursos técnicos sempre ao alcance do Estado.

Mas os amantes das gravatas e de ar condicionado parecem convictos de que, sem sequer olhar para nossos rostos, são capazes de nos entregar o mínimo, segundo suas pequeninas réguas, e ainda desviar o “excedente” das verbas para algum lugar-sujeito indeterminado.

São tantos fatos passíveis de inquérito, mas dossiê nenhum serve de prova para os crimes que são práticas cotidianas, dos burocratas bolsonaristas aos minions nas favelas. Mas, para estudantes, técnicos e professores, articulados, com denúncias de esquemas desonestos, criou-se rapidamente uma Comissão de Exceção (ou de inquisição), forjou-se um grande relatório sem uma única prova de delito e ainda, despacharam um indivíduo para entregar uma intimação nas casas da gente.

Mas assistente social, para ver as nossas condições insalubres de subsistência nunca apareceu por aqui.

Na medida em que amadureci politicamente, observei que por toda minha história de vida, poucos homens me foram referência notáveis de construção identitária. A maioria deles assediaram e agrediram alguém para poder ostentar a pecha de macho alfa.

Em contrapartida, sem romantizar, a maioria das mulheres com quem tive contato demonstraram atitudes e idéias coerentes com o humanismo, com o amor e inerente ideal de equidade.

E muito me importa a *mandinga* da equidade, constituinte dos feminismos, que são articulações filosóficas e ideológicas que enriqueceram as proposições humanitárias, anti-racistas, anti-fascistas, anti-discriminatórias, que versatilizaram várias dessas frentes de disputas, impulsionando políticas de reparação social.

Desde Simone de Beauvoir, desde as sufragistas, desde Dandara guerreira do Quilombo dos Palmares, que defendeu seu povo revolucionário, liberto, com a força de uma mulher guerreira, com a

força do voto das mulheres politicamente engajadas, com a força da consciência de classes, da consciência da correlação de forças, são **elas** que lutam o bom combate.

Desde minha mãe, minhas irmãs, minhas colegas pesquisadoras cientistas, amigas e companheiras que eu tive, **delas** provém o conjunto de valores que eu vi com a maior força protagonizando resistência coletiva, no mundo reacionário que eu tenho contemplado.

Os feminismos, que contra o machismo do golpe que acabou por tirar do seu cargo nossa primeira e única **Presidenta**, ainda fez didático tudo que prejudicou nosso povo e com isso, alfabetizou politicamente a parte suficiente do Brasil que permitiu tirar do poder o déspota genocida.

Mesmo acreditando e atuando na educação não formal, multidisciplinar, agradeço imensamente a educação formal, com todas suas negligências, pois sem ela eu certamente seria mais um **“ruminante”**.

Mas, por estar empobrecido, acabei por constituir, na capital pernambucana, uma unidade do “rebanho” cativo, numa cidade inundada e assoreada pelo bolsonarismo, como muitas outras.

Por irresponsabilidade política e didática que deixamos chegar a esse ponto.

Eu não passo pano, me proponho a lavar a roupa suja, na mão!

Uso todas as técnicas **pirangueiras** de limpeza e manutenção do reciclAR para, literalmente e figurativamente, tirar essa sujeira da minha vida.

Lembro-me de **mainha** contando, que um marco da vida dela, foi um tanquinho elétrico de lavar roupas que ganhou do meu **Vô João**. Como ela já havia se separado do meu pai, fazia tudo pela nossa família, sozinha, inclusive, lavar as próprias roupas, mais as roupas de quatro crianças, na mão!!

Com essa referência como eu poderia recusar fazer menos do que eu tenho feito, como eu poderia desistir?

Dona E(dite), minha mãe, solteira, duas filhas e dois filhos, dois netos e uma neta, vetor do amor missionário, abnegada e adepta da não violência, minha diva suprema!

Por ela não pude desistir, incomodei demais muita gente querida mas perturbei menos do que eu gostaria pessoas que, na minha análise, não deveriam ter o poder deliberativo de que se valiam para complicar vidas complicadíssimas.

Fiz muito mais do que era pra eu fazer e infelizmente, por muito pouco, não gabaritei minha meta.

No entanto uma semente **“crioula”** foi plantada e mesmo que uma poda precoce seja inevitável, vai florescer!

Pois a educação que eu acredito é viva, como uma planta alimentícia não convencional, mas ela precisa de nutrientes assim como qualquer outra coisa viva.

Mesmo eu, que sou completamente desprovido de melanina e ainda tenho olhos verdes, mas sou fisionômicamente *xerox* do meu pai, que é negro bem retinto, mesmo eu, preciso de nutrientes, preciso de mais fontes e mais cores à disposição, mesmo eu que trabalho à espelho da minha mãe, preciso de valorização, porque com tão pouco só me restou tempo de vida pra investir.

E eu investi, quase uma década da minha vida, capitalizei tudo que eu tinha conquistado de material, vendi exercícios e inclusive minha “imagem” de homem valoroso, até me tornar um pedinte qualificado, nada atraente.

Ainda estou trabalhando uma saída para esse fim da linha que está iminente, pois não tenho nada de próspero no meu futuro imediato.

Na verdade, assim que eu completar a última etapa técnica de publicação do trabalho final do curso, tenho que sair imediatamente do imóvel, cujos dois últimos aluguéis já estão atrasados.

Sem emprego há mais de um ano, sem programas de assistência social pro meu recorte de classe, só me restou me abrigar com uma barraca velha de acampamento em uma ocupação.

Quanto à alimentação, como o'que posso adquirir com o'que me doam. Tem sido assim à +d um ano.

Interessante que, bem agora que não terei mais vínculos com a UFPE, o Restaurante Universitário reabriu.

Uma representante do colegiado me disse que, esse grupo pelo qual ela falava, “não me queria mais nesta instituição”, disse que colocar dessa forma era didático, depois de tudo que vocês leram, ela disse que eu é que estava me sabotando.

A doutora foi ultra didática e eu passei por mais um período de paranóia do que mais “a instituição” faria pra que eu deixasse seu território.

Didática positivista é contraproducente num sentido pedagógico da malandragem, malandragem aqui, sendo lida como uma potência cognitiva

de percepção das sutilezas, percepção daquilo que vem imbricado no óbvio, percepção de que toda nossa cultura ocidental, branca, é repleta de arapucas, para “... *pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres* 🎵”

Malandragem é malícia, malícia é o'que permeia as ações de provisão compensatória dispensadas à nós, sempre que conseguimos cavar uma trincheira mais perto da *cacimba* daquilo que hidrata nossos espíritos nas lutas cotidianas.

Malícia é inclusive o prisma para ler nossos termos não catedráticos, por exemplo: malandragem – que na mesa de autópsia dicionária só identifica-se a definição popular negativada.

Infelizmente a universidade não foi estruturada para que os saberes que são atípicos frutifiquem, ela não facilita a vida das inteligências que não sejam cúmplices ou no mínimo coniventes com sua estrutura programática diretiva, como se indivíduos não doutores não tivessem a menor capacidade de contribuir com uma reformulação política pedagógica.



Digite o ID ou título



Explore



Criar vaquinha

CASA / MORADIA

Teto, comida e arte educação com diploma!

ID da vaquinha: 3642759



2 corações recebidos

COMPARTILHE ESTA VAQUINHA

<https://www.vakinha.com.br/3642759>

Copiar



Sobre

Novidades

Quem ajudou

Você pode ajudar via Pix usando a chave: 3642759@vakinha.com.br

Sou João Ricardo, licenciando em Artes Visuais na véspera da defesa do meu TCC pela UFPE.

Recebia bolsa do edital de baixa renda, há mais de um ano meu benefício foi cortado e venho persistindo no curso graças a família e amigos, que doavam valores pra pagar contas e comprar mantimentos.

Eu vejo o modo como a universidade produz saber muito parecido com o de uma autópsia a investigar as minúcias de um corpo sem vida, e que não tem por conseguinte, a mesma preciosidade que teria a lida com qualquer pessoa viva a quem se pretende o restabelecimento integral da saúde, da autonomia, a reabilitação completa e retorno da mesma ao seu curso de vida e capacidade de gerar novas vidas orgânicas ou conceituais.

Este mesmo tempo que estive sem remuneração, o locador da casa que moro vem sendo compreensivo com atrasos no pagamento do aluguel.

Mas ele perdeu seu emprego justo quando eu perdi o suporte de uma grande parte da minha rede de apoio.

A situação ficou desesperadora porque ele provê pra esposa e filha e eu não tenho conseguido trabalho fixo, somente bicos, por todo esse último ano. Minha falta de verba compromete a integridade da família do dono do lugar que eu estudo, trabalho e vivo.



Nesse lugar planejei o ateliê comunitário recicLAR, porque, por todo o tempo do curso, achei muito difícil permanecer estudando o que gosto sem a manutenção acadêmica devida, e quero levar o conhecimento que eu obtive pra minha vizinhança, sem os embargos burocráticos que enfrentei.

Venho racionando comida, vivendo quase sem lazer, sofrendo de problemas de saúde, tudo pra completar o curso e esse projeto na favela da Rua 6 de março, na Várzea, Recife.

Hoje estou devendo ao dono do imóvel no qual criei o recicLAR:

- 3 aluguéis (650r\$ cada)
- 2 portas sanfonadas de pvc (120r\$ cada)
- 1 assento pra vaso sanitário (50r\$)
- 2 vidros de janela (100r\$ cada)
- 2 soldas de portões (100r\$ cada)
- 1 chumbamento de portão (150r\$)
- 1 conta de luz e água (100r\$)
- 1 conta de internet (55r\$)

Desde que eu me mudei de SP para PE no começo do curso, nós que moramos em periferias, vivemos cada vez mais na precariedade, no presente, vivendo o pior momento.



O modo cartesiano de levantamento de dado, que é a forma isonômica de pesquisa científica, na analogia que eu vejo, parece com uma autópsia porque pega corpos de conhecimento, os traz para uma sala branca, com luz branca, deita algum destes corpos numa mesa assepsiada, esquarteja esse corpo, diseca as partes de interesse sem muita preocupação com o fato de que tudo que se relaciona com a vida daquele corpo de saber está ausente, e ainda, os dados obtidos não promovem algo para este saber, apenas extraem algo para compor alguns poucos mas preciosos autômatos que hoje melhoraram bastante a vida das pessoas.



Neste espaço eu me coloquei numa vivência de guerrilha, reciclando mobília e adaptando materiais para ter infraestrutura e ferramentas, complementando refeições a partir de minha horta urbana, numa postura mental rígida, sem vícios e com lazer somente gratuito, a conta gotas.

Mas passamos do limite, e para não desistir, venho neste gesto de resistência, pedir ajuda às pessoas com consciência política e engajadas na construção de um Brasil melhor, com melhor distribuição dos poderes do saber e dos recursos para se viver.

Desejo que, no mínimo, eu possa quitar as dívidas com meu camarada locador e possa seguir com minha resistência à evasão estudantil no último mês da minha licenciatura.

Para ter o mínimo de paz mental para defesa do TCC preciso ainda de +:

- 2 aluguéis (650r\$ cada)
- 2 meses de fornecimento de luz e água (100r\$ cada)
- 2 mensalidades de internet (55r\$ cada)
- 2 cestas básicas (120r\$ cada)

Na guerrilha econômica já faço meu bujão de gás durar mais de um ano, mas estou perto do dia em que ele acabe, preciso de +:

- 1 bujão de gás (120r\$)

E ainda, tive o uso do cartão de crédito sob controle mas fiquei sem dinheiro pra pagar as faturas, e também preciso quitar esse débito pra ter algum valor para eventual necessidade imprevista e pra não prejudicar outros compromissos sociais que cobram idoneidade econômica. Devo:

- 4 parcelas de cartão de crédito (127,06r\$ cada)

Estou apelando para essa vaquinha, como medida de emergência, como única forma de ressarcir pela minha falta, um pai de família desempregado. É a única saída que encontro nesse país sem oferta de trabalho, sem reconhecimento aos estudantes, professores e trabalhadores.

Também é a única maneira que encontro de recuperar minha dignidade que há mais de um ano está nas mãos de boas pessoas que já não podem mais fazer por mim.

Faço pública e amplamente visível minha condição pois, daqui, o único caminho aberto seria habitar uma ocupação, à qual me encaminharei sem peso na consciência se nem por essa exposição a sociedade se solidarizar conosco.

A meta da dessa vaquinha é o mínimo pra eu poder defender o TCC neste mês e organizar minha volta pra São Paulo no próximo, sem dar + prejuízo.

Mas sonho em poder completar e ampliar meu projeto de educação de artes visuais não formal, podendo desenvolver pesquisas e trabalhos artísticos livres da grade de adestramento acadêmico à qual eu trespassei, e estou quase liberto.

Minha ambição quando cheguei neste espaço era sobreviver de algumas linhas de trabalho, possíveis

Embora eu estime e trabalhe com a educação não formal, sou muito grato à educação formal, que com todas as suas falhas e deficiências ainda é algo inestimável, visto que os formadores de opiniões populares manipulam maquiavelicamente a ignorância das massas sequiosas por serem manobradas, amedrontadas com falsos mitos e profecias descabidas, mas que quando acessam alguma dessas bases de estudos obtém o mínimo para raciocinar por conta sua saída desse rebanho histórico e hostil.

qual eu trespassei, e estou quase liberto.

Minha ambição quando cheguei neste espaço era sobreviver de algumas linhas de trabalho, possíveis a partir de equipamentos reciclados, recriados por mim através da assemblage.

Dentre algumas dezenas de projetos meus, quatro podem facilmente gerar renda para me remunerar e obter recursos para sustentabilidade do ateliê e portanto, das pesquisas cooperativas informais em artes visuais nessa comunidade.

- Jarrudas - fase final de assemblage do torno reciclado
- Pãonoptico - reparo do forno
- Remobília - carente de ferramentas
- Pergamzine - carente de verba para tiragem de impressão

Produzirei vasilhas de cerâmica em torno, prepararei refeições e quitutes com panacs como ingredientes, restaurarei mobílias e publicarei uma série de quadrinho autoral, em encadernamento especial, além de promover estudos à partir dessas técnicas que eu aperfeiçoei na universidade e sistematizei na comunidade.



Por fim, estou apresentando meu suplício, com direito legítimo de falar de um lugar que fui compulsoriamente posto, tendo conhecimento de que milhares passaram pelos mesmos suplícios e por experiências piores que, em razão do meu gênero e branquitude, eu nunca vou experienciar. Me apoio nesse saber para dizer que, de tudo que pode melhorar na estrutura nacional de educação, o'que se faz mais urgente, para nós universitários, é sermos tratados como adultos, portanto, nas licenciaturas e graduações eu recomendo:

Salário mínimo e carteira de trabalho assinada no momento da matrícula para todos e todas a despeito de classe socioeconômica;

Moradia estudantil em formato de suíte para ter assegurada a unidade mínima de privacidade a pessoas maiores de idade;

Investimento massivo em recursos para aulas de campo em todos os cursos para minimizar descontextualização de dados.



Sonhando alto, eu ainda levarei as produções e a própria estrutura adequada mínima para pesquisas à lugares de encontro com pessoas de outras comunidades, além de avançar nos estudos que já temos feito, eu e algumas crianças da Várzea do Capibaribe.

Ao superar a meta inicial desta vaquinha, tendo pago minha dívida, investirei em 1 bicicleta para transporte de módulo compacto de suporte para experimentos artísticos.

- Nano recicLAR - cadeira adaptada
- Burra Rocinante - bicicleta

Mas minha maior ambição para esse projeto é a aquisição do triciclo motorizado e da licença de condutor para transporte de módulo compacto duplo de suporte para experimentos artísticos de maior complexidade, em localidades mais distantes.

- TrecicLAR Rocinante - triciclo
- CNH - carteira de motorista A e B

Humildemente apresento pro mundo meu sonho, no momento em que eu menos tenho condições financeiras de realizá-lo.

Se eu puder ao menos pagar o que eu devo a esse camarada, pai e marido, desempregado como eu, evitarei de ter de acampar numa ocupação, ficarei muito feliz.

Mesmo nessa situação agonizante, não desisti do meu sonho e falando dele acredito que poderei realizá-lo com a contribuição da sociedade, uma vez que o estado vem negligenciando a gente que continua preso à pobreza.

Fé na educação!



Você também pode contribuir via Pix usando a chave: 3642759@vaquinha.com.br

[Copiar](#)

[Denunciar essa vaquinha](#)

AVISO LEGAL: O texto e as imagens incluídos nessa página são de única e exclusiva responsabilidade do criador da vaquinha e não representam a opinião ou endosso da plataforma Vaquinha.

[Quem somos](#)

[Vaquinhas](#)

[Criar Vaquinha](#)

[Login](#)

[Vaquinha Premiada](#)

[Dúvidas frequentes](#)

[Taxas e prazos](#)

[Fale conosco](#)

[Loja do Vaquinha](#)

[Vaquinhas mais amadas](#)

[Blog do Vaquinha](#)

[Política de privacidade](#)

[Termos de uso](#)

Siga nossos canais [@](#) [f](#) [v](#) [t](#)

Atendimento via Telefone

51 3500-8100

Gerenciar vaquinha

Arrecadado
R\$ 920,00

Meta
R\$ 5.423,24

Apoiadores
10

Você e a vaquinha concorrem a R\$ 15 MIL

Doe e concorra

JS João Ricardo Camargo da Silva
Ativo(a) no Vaquinha desde abril/2023
3 vaquinhas criadas

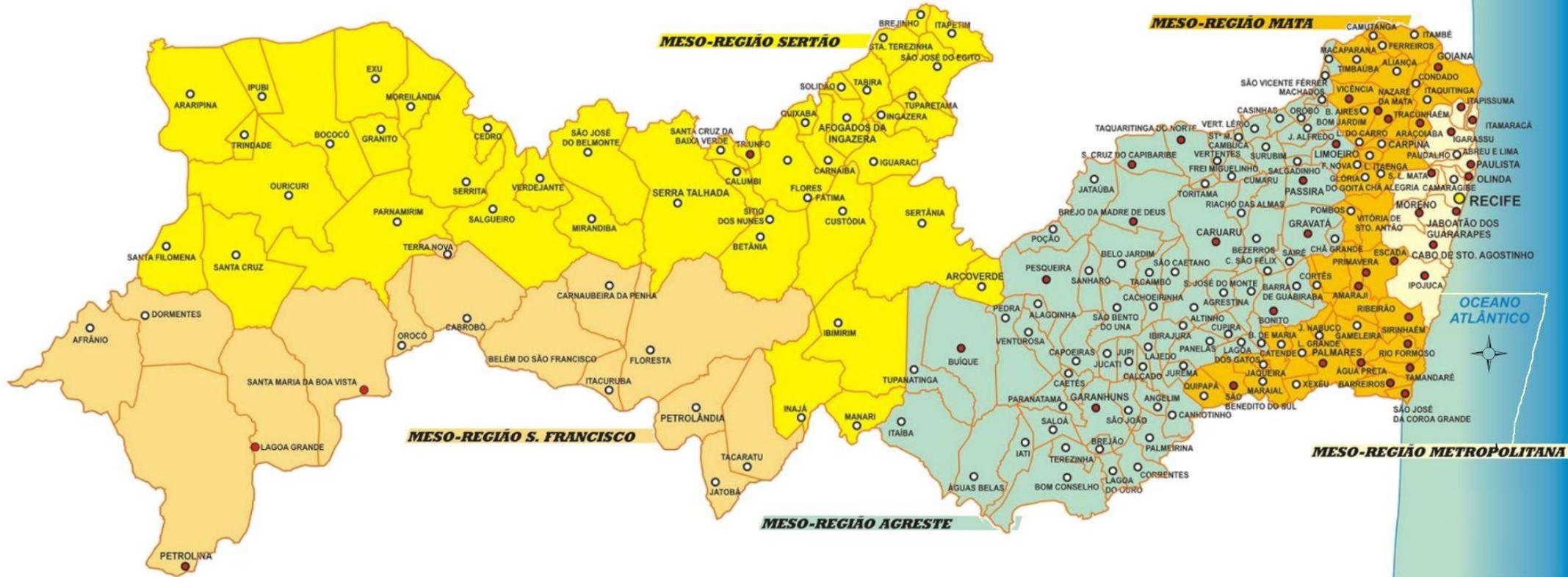
Mapa de Pernambuco

Área: 98.312 Km²

População: 8.810.256 Habitantes

Número de Municípios: 185

Fonte: IBGE



*Se quiser me ver, arrudêa o mar treis veiz,
se quiser me ver, treis veiz arrudêa o mar!*



AGÊNCIA ESTADUAL DE
PLANEJAMENTO E
PESQUISAS DE PERNAMBUCO

www.guiaturpe.com.br

Edite Florentino da Silva
Thalita Graziela Silva e Pires
Karina Camargo da Silva
Aparecido Camargo da Silva
Fabio Camargo da Silva
Ruy de Carvalho Monteiro
Luciana Benevides de Carvalho
Celso de Carvalho Monteiro
Roberto Baccarat Monteiro
Rafael Yoshida Publio
Adriano Quersone
Simone Quersone
Jorge Ferreira
Ayres Ferreira
Ágatha Naiara
Leon Souza Domingues
Tatysh Quintero
Henrique Leão
Linda Leão
Bruna Florie
Samara Freitas Araujo
Alessandro Andrade
Thays Fernandes
Lucas Barbosa
Bruno Xavier
Hendy Kawata
Juliana Valente
Anderson Cordeiro
Angelita
Severina
Tereza Camargo

Nenê Camargo
Esídia Oliveira
Norma Paulino
Adilson Paulino
Karen Camargo
Isadora Salgueiro
Paulo Canola
Lívia Canola
Elisa Canola
Alana Torquato
Maciel Gidásio
Cristina Nassif
Fabiano Catelli
Luciana Araújo
Ingrid Michele
Letícia Talarico
Núbia Galvez
Aline Fonseca
Marcílio José
Carlos Alexandre
Marcelo Palmeira
Gessé Flores Lima
Charly Cordeira
Joana Cavalcante
João Pereira
Sérgio Lima
Daniella Moraes
Vinícius de Farias
Marilda Armellini
Angelo Conti
Felipe Lima

Meus mais enfáticos
agradecimentos às pessoas que mais
fizeram pela minha graduação a nível
material.

Desde antes de eu sair de São
Paulo até meados de maio de 2023,
quando estou a sair do curso, esses são
os nomes daqueles e daquelas que
fortaleceram minhas peijas com
incentivo, ideias, comida, bebida, dinheiro,
equipamentos, amor e muita fé.

Digo que não hoje, nem nos
próximos dias, eu poderei retribuir o'que
fizeram por mim, mas graças à tanta fé
pude planejar um futuro e a realização de
muitos trabalhos que no seu próprio
tempo vai florescer graças a muita gente,
graças em todos os sentidos possíveis,
pois daqui pra frente quero muitos motivos
para rir e gargalhar da vida.

Por hora, aos impunes, sem anistia!
Aos prejudicados, presentes!
Comida a quem tem fome!
Água límpida a quem tem sede!
Teto a quem está no relento!
Amor a quem busca educação!
Bons ventos a quem navega pelo mundo
e raízes fortes a quem é quilombo!